



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
Campus de Pau dos Ferros
Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS
Unidade Pau dos Ferros
Br 405, Km 153, Bairro Antônia, CEP 59900-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail profletras.pferros@gmail.com/ Site propeg.uern.br/profletras



MANOEL JAIRO FURTADO PASSOS

**ASPECTOS FUNCIONAIS NA CONSTRUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO:
EXPERIÊNCIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

PAU DOS FERROS
2016

MANOEL JAIRO FURTADO PASSOS

**ASPECTOS FUNCIONAIS NA CONSTRUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO:
EXPERIÊNCIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM)*, Pau dos Ferros/RN.

Orientadora: Profª. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal.

PAU DOS FERROS
2016

MANOEL JAIRO FURTADO PASSOS

**ASPECTOS FUNCIONAIS NA CONSTRUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO:
EXPERIÊNCIA NO 9º ANO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado* Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), Pau dos Ferros/RN.

Defendida e aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Orientadora

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Examinador

Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Examinadora

Prof. Dr. Marcos Nonato de Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Examinador

Dedico este trabalho a minha esposa e as
minhas filhas, com carinho e eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Desejo deixar aqui registrado toda a minha gratidão e reconhecimento a todos que estiveram comigo desde o começo dessa luta para o término desse mestrado, que eu me orgulho muito de ter feito parte.

A Deus, que sempre me guiou para o bem e me fez ver a importância de acreditarmos em dias melhores mesmo em face às inúmeras dificuldades da vida.

A meus pais, que eu amo muito e que sem dúvida são meus maiores incentivadores em meus estudos e na minha vida, que mesmo em meio a todos os percalços nunca deixaram de me incentivar em busca de meus sonhos.

As minhas filhas, Jahmara e Anna Laura, que com seus sorrisos são a base forte para que eu continue sempre e não desanime, meu sincero obrigado.

À Universidade é do Estado do Rio Grande do Norte, que nesses dois anos de mestrado foi minha segunda casa e eu me senti profundamente agradecido com a recepção de todos.

À professora Rosângela Bessa Vidal, que me ajudou incansavelmente e me auxiliou com presteza na elaboração de minha dissertação.

Quero agradecer especialmente a minha esposa, que eu considero a minha maior incentivadora na busca incessante por esse desejo de ingressar e concluir o mestrado, meu eterno obrigado com muito amor e carinho.

Agradeço, enfim a todos os professores, que contribuíram fervorosamente para que estivéssemos realmente aptos e preparados para recebermos o título de mestre.

A todos os meus amigos, colegas de mestrado que riram e choraram e que enfrentaram junto comigo todas as dificuldades diárias, tanto no mestrado como na vida. A minha humilde reverência e respeito.

E por fim, eu quero dizer que me orgulho muito desse momento, da possibilidade de concluir um curso que eu tanto almejava e que agora é uma etapa vencida da minha vida pessoal e profissional, nunca esquecerei todo o aprendizado e crescimento pessoal proporcionado. Minha gratidão e responsabilidade contínua de honrar esse título em todos os momentos da minha existência.

RESUMO

O processo ensino-aprendizagem no que concerne à produção textual de gêneros diversos é um desafio constante, já que a maioria de nossos discentes não consegue desenvolver de forma exitosa a proficiência adequada nos mais variados gêneros para sua utilização na vida cotidiana e no mercado de trabalho. Esse conjunto de conhecimentos de fulcro social, cognitivo e linguístico, acionados na produção do gênero de texto, que Dolz, Pasquier e Bronckart (1993) denominam capacidades de linguagem. Sob este prisma, subsidia-se o presente trabalho incluindo a abordagem do Funcionalismo linguístico norte americano que explora a língua com bases no contexto linguístico e na situação extralinguística. Sendo assim, é imprescindível estudar os gêneros textuais em contextos discursivos específicos e propósitos comunicativos dos interlocutores, facilitando abordagem e estudo. Neste intento, faz-se necessário salientar os percalços dos estudantes na produção do gênero artigo de opinião, bem como os entraves que dificultam o êxito do desenvolvimento da proficiência desse gênero textual, ressaltando que a sua produção se alinha a uma relação entre linguagem e sociedade e assim como preconiza a corrente funcionalista, a linguagem se dá como um instrumento de interação social. Nesta pesquisa o interesse é elencar as principais dificuldades dos discentes atinentes à produção do artigo de opinião, propondo uma sequência didática que apresenta como objetivo propiciar o desenvolvimento da capacidade de produção do gênero artigo de opinião. Ao focalizar a análise nos aspectos funcionais, vislumbra envolver os interlocutores em contextos e situações reais de comunicação, abarcando propósitos e fomentando contextos discursivos para motivar fatos linguísticos. A análise das produções escritas dos alunos foi essencial para perceber que as maiores dificuldades são encontradas na marcação da oralidade no texto escrito. Os principais problemas de relação sintática se ligam à marca descontínua do plural, pelo fato da diferença entre fala e escrita. Dessa forma, fica evidente a necessidade de trabalhar as marcações descontínuas de concordância do verbo em relação ao nome ou vice-versa, as quais são muito presente nos textos e, a abordagem funcionalista é uma das linhas teóricas que pode auxiliar alunos e professores a buscar um melhor desenvolvimento das competências linguísticas na produção de texto. A pesquisa permitiu um diagnóstico mais preciso dos aspectos funcionais da oralidade que os alunos utilizam na escrita, porém, por desconhecerem que existem diferenças pontuais entre as manifestações faladas e as escritas.

Palavras-chave: Abordagem funcionalista. Gênero artigo de opinião. Ensino de produção textual.

ABSTRACT

The teaching-learning process regarding the textual production of diverse genres is a constant challenge, since most of our students can not successfully develop adequate proficiency in the most varied genres for their use in everyday life and in the labor market . This set of knowledge of social, cognitive and linguistic fulcrum, activated in the production of the text genre, which Dolz, Pasquier and Bronckart (1993) call language capacities. In this perspective, the present work is subsidized including the North American linguistic Functionalism approach that explores the language based on the linguistic context and the extralinguistic situation. Therefore, it is essential to study the textual genres in specific discursive contexts and communicative purposes of the interlocutors, facilitating approach and study. In this attempt, it is necessary to evaluate the students' mishaps in the production of the genre of opinion, as well as the obstacles that hamper the Success of the development of the proficiency of this textual genre, emphasizing that its production is aligned with a relationship between language and society and as the functionalist current advocates, language is given as an instrument of social interaction. In this research the interest is to list the main difficulties of the students related to the production of the opinion article, proposing a didactic sequence that aims to foster the development of the production capacity of the opinion article genre. Focusing the analysis on the functional aspects, it envisages involving the interlocutors in real contexts and situations of communication, embracing purposes and fomenting discursive contexts to motivate linguistic facts. The analysis of the written productions of the students was essential to realize that the greatest difficulties are found in the marking of orality in the written text. The main problems of syntactic relation are related to the discontinuous mark of the plural, because of the difference between speech and writing. Thus, it is evident the need to work the discontinuous marks of agreement of the verb in relation to the name or vice versa, which are very present in the texts, and the functionalist approach is one of the theoretical lines that can help students and teachers to search A better development of language skills in text production. The research allowed a more precise diagnosis of the functional aspects of orality that students use in writing, however, because they do not know that there are specific differences between spoken and written manifestations.

Keywords: Functionalist approach. Gender opinion article. Teaching of textual production.

LISTA DE FIGURAS

Amostra 1 – Capa da Revista Veja abordando a temática.....	58
Amostra 2 – Questões preliminares.....	59
Amostra3 – Artigo de Opinião 1.....	60
Amostra 4 – Artigo de Opinião 2.....	62
Amostra 5 – Artigo de Opinião 3.....	64
Amostra 6 – Artigo de Opinião 4.....	66
Amostra 7 – Artigo de Opinião 5.....	68
Amostra 8 – Artigo de Opinião 6.....	70
Amostra 9 – Artigo de Opinião 7.....	71
Amostra 10 – Artigo de Opinião 8.....	73
Amostra 11 – Artigo de Opinião 9.....	75

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1.1	O tema e sua importância para o ensino de produção textual.....	11
1.2	Problemática e objetivos de pesquisa.....	13
1.3	Justificativa do estudo.....	14
1.4	A teoria e o estado da arte.....	16
1.5	A organização do texto.....	20
2	O FUNCIONALISMO E A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA	22
2.1	Aspectos históricos e conceituais do funcionalismo.....	22
2.2	Questões fundamentais sobre o funcionalismo linguístico norte americano.....	24
2.2.1	Princípios da abordagem funcionalista.....	29
2.2.2	A abordagem funcionalista e ensino de produção textual na escola: o texto e o gênero.....	34
2.2.3	O texto como objeto de ensino.....	37
2.2.4	Definições importantes para o estudo de gênero discursivo....	40
2.2.5	O trabalho com os aspectos funcionalistas no gênero artigo de opinião.....	45
2.2.5.1	O gênero artigo de opinião	47
3	DA INTERVENÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1	O caráter e o contexto da pesquisa.....	51
3.1.1	Tipo de estudo.....	52
3.1.2	A constituição do universo de pesquisa.....	54
3.1.2.1	A escola.....	54
3.1.2.1	A turma.....	55
3.2	Os instrumentos de pesquisa, a intervenção e o <i>corpus</i>	56
3.2.1	Os instrumentos de coleta e a intervenção.....	56
3.2.2	A constituição do <i>corpus</i>	57

3.2.3	O tratamento e a análise dos dados.....	57
4	ASPECTOS FUNCIONAIS NA CONSTRUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO POR ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	59
4.1	O ato da intervenção: elencando e trabalhando as dificuldades de produção dos alunos.....	59
4.2	Análise dos aspectos funcionais no artigo de opinião.....	61
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
5.1	O que foi possível depreender do estudo.....	81
5.2	A resposta às questões de pesquisa e as perspectivas para o ensino de produção textual.....	83
	REFERÊNCIAS	
	APÊNDICE	

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 O TEMA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

O ensino dos gêneros textuais é um tema sobremaneira debatido, principalmente no que concerne às dificuldades de seu ensino-aprendizagem por parte de alunos matriculados em instituições de ensino de caráter público. Por isso, esta pesquisa interessa investigar os desafios referentes à produção textual do artigo de opinião, e, por conseguinte o desenvolvimento de uma proficiência que vislumbre mediação, interação e completude. Numa perspectiva em que, segundo Bronckart (1999), as condutas humanas são mediadas e organizadas pela linguagem.

Os estudos direcionados ao ensino da produção textual partem do despertar dos professores e demais profissionais para uma análise mais precisa sobre os aspectos teóricos levantados acerca dessa questão. Pode-se notar também, que devido a uma história pedagógica centrada no tradicionalismo por longos anos, muitas vezes encontramos alunos com muitas deficiências na escrita.

Uma das perspectivas que tem despertado debates e discussões é a do uso do texto como unidade de ensino, incluindo-se a análise de que há uma diversidade imensa de gêneros textuais circulando na sociedade e por isso devem ser utilizados como suporte de ensino da leitura e produção escrita na escola, a fim de desenvolver a competência comunicativa do aluno.

Quanto às teorias que se centralizam como aporte para o ensino da produção textual, é também cada vez mais iminente a preocupação em se definir normas, ao invés de uma única “norma”, no caso a padrão, para focalizar a ideia da organização do texto e do que uma pessoa quer dizer quando escreve.

Para seguir uma concepção que se identifique com a ideia de se usar a diversidade, o estudo dos gêneros textuais na escola deve visar não à forma ingênua de um aprendizado passivo e inerte, isto é, que se identifique apenas com modelos que podem ser produzidos com o uso da norma padrão, de forma isolada

da realidade; não obstante, como atividades humanas estruturadas linguisticamente que sejam construídas e vivenciadas por ações reais.

Pode-se dizer que desta forma, a produção textual na escola passa a surgir como algo que necessita ser baseada na realidade do uso social, ou seja, os professores e alunos precisam atentar para a compreensão de que os textos têm uma funcionalidade real. São elaborados dentro de processos comunicativos intencionais e neste sentido são feitos para interagir o pensar, o agir, o sentir e o fazer do cotidiano dos seres humanos, tanto em condições coletivas quanto individuais.

Vê-se, portanto, que quando o olhar se volta para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, a produção textual se torna tema relevante porque abrange não somente a variedade escrita de uso da língua, mas, também os contextos comunicativos orais. Desde as teorias desenvolvidas por Mikhail Bakhtin sobre a diversidade dos gêneros do discurso às percepções sobre gênero textual e diversidade por Dolz, Pasquier e Bronckart (1993) e o que é posto nos referenciais curriculares nacionais especificamente sobre o ensino de gênero, percebe-se que estudar e ao mesmo tempo discutir sobre esta temática se torna algo de grande relevância quando o diálogo atinge principalmente professores que estão em sala de aula.

É inevitável compreender que o uso da linguagem é interativo, os discursos produzidos pelos usuários de um sistema linguístico são intencionalmente voltados para a construção de modelos de texto que têm uma função comunicativa. E essa concepção é adotada hoje por todos os documentos oficiais que devem servir como referência para professores dos mais diversos componentes curriculares, especialmente pelos que atuam na área de linguagens. A concepção mais adequada para a atividade discursiva está em saber que

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias (BRASIL, 1997, p. 20).

O entendimento sobre os aspectos funcionais que devem ser considerados é bem evidente na afirmação extraída dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e

instiga-nos a dá importância singular a esta pesquisa, justamente pelo fato de sua abordagem contemplar estes elementos na produção do artigo de opinião. Como se sabe, este gênero tem uma funcionalidade específica. A sua finalidade é não somente dissertar sobre uma temática que esteja sendo polemizada, mas também deixar claras as proposições, teses e hipóteses que podem servir como base para a solução de um problema que esteja inserido no tema discutido (ADAM, 2011).

Com essa funcionalidade, o gênero artigo de opinião deve ser considerado de importância singular, ensinado e aprendido justamente considerando os aspectos funcionais da especificidade. Na questão do ensino do gênero, urge ao professor procurar métodos cada vez mais dinâmicos e interativos para o ensino satisfatório e exitoso. É importante reconhecer sempre o educando como ser pensante e detentor de um conhecimento prévio imprescindível para o fulcro e base da flexibilidade do planejamento do ensino-aprendizagem, visando uma educação eminentemente voltada para o desenvolvimento das capacidades e habilidades do discente e valorizando-o como ser criativo e singular.

Estudar a temática tem, portanto, uma grande importância para o ensino de produção textual porque instiga a compreensão sobre aspectos especiais do processo, permitindo adentrar ao campo teórico das concepções mais pertinentes a serem adotados pelo professor nesta tarefa.

1.2 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DE PESQUISA

Como enfatizado anteriormente, o estudo tem um enfoque especial no uso do texto como objeto de ensino em sua diversidade em todos os níveis e modalidades escolares. A ideia se firma no pressuposto de que os alunos precisam desenvolver suas competências de leitura e de escrita para usá-las em conformidade com o uso real da língua, algo que ocorre na produção dos diversos gêneros de texto que circulam socialmente.

O gênero artigo de opinião está em circulação constante em veículos de comunicação como revistas, jornais, periódicos, sendo um texto exigido na sequência argumentativa em avaliações externas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), vestibulares que dão acesso a diversas universidades, bem

como em provas de concursos, assim, tê-lo como objeto de ensino é algo indispensável.

No entanto, o problema que permite a inserção da temática sobre o ensino da produção do gênero artigo de opinião está ligado justamente às dificuldades que os alunos apresentam no momento de escrever este gênero nas aulas de Língua Portuguesa. Por isso, elenca-se algumas questões sobre a produção escrita do gênero:

- Quais as dificuldades de uso das normas de escrita do artigo de opinião os alunos mais apresentam?
- Em que consiste essas dificuldades?
- Quais aspectos discursivos-funcionais podem ser trabalhados para que os alunos se tornem proficientes na produção do gênero?

Essas questões norteiam os objetivos do estudo no sentido de que a intenção principal é salientar os usos, as formas e os aspectos linguísticos dos aprendizes da produção textual do gênero artigo de opinião. De forma específica, objetiva-se identificar os entraves que dificultam o êxito do desenvolvimento da proficiência do gênero textual supracitado; diagnosticar os aspectos funcionais que geram dificuldades por meio de uma sequência didática com atividades pontuais que intervenham para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem concernente à produção do artigo de opinião.

Ao trabalhar com essa problemática e definir estes objetivos acredita-se está desbravando caminhos para uma reflexão que tenha efeitos positivos com relação ao processo de ensino-aprendizagem da escrita do gênero artigo de opinião no nível fundamental, em especial no 9º ano. As evidências encontradas são importantes para a análise realizada no trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Refletir sobre a forma como se dá o processo de ensino de produção textual na língua materna é um ato de relevância mediante o contexto de discussões em que se encontram as direções pertinentes aos estudos linguísticos nos tempos atuais. E quando se direcionam essas discussões à sequência argumentativa e mais

especificamente para a questão do trabalho com gênero textual, a relevância se aprofunda, pois se trata de uma realidade específica, na qual o processo se realiza a fim de deixar evidentes algumas dificuldades e abrir caminhos que auxiliem aos alunos a obterem mais êxito em sua proficiência de produção.

A justificativa sobre a importância deste estudo diante do que é posto em seus objetivos, passa pela observação sobre como muitos professores vivem a prática de ensino de Língua Portuguesa nas escolas, em especial no que se refere ao uso do texto como objeto de ensino.

A maioria deles parece se mostrar confusa com relação às orientações dadas pelos referenciais nacionais. Muitos ainda trabalham com a norma padrão e deixam de abordar os aspectos funcionais da gramática da língua em suas aulas. E isto ocorre em meio a um cenário no qual até os materiais didáticos deixam um pouco de lado as análises gramaticais tradicionais. Deixar de considerar os aspectos relacionados à construção gramatical de um texto pode não ser o caminho mais viável no sentido de se procurar meios para formar a proficiência de produção textual do aluno, da mesma forma que somente ensinar a gramática não se torna algo produtivo nesse sentido.

Porém, é preciso que se conceba a necessidade de trabalhar com os aspectos funcionais da língua, isto é, valorizar uma abordagem de ensino-aprendizagem de produção de texto que possibilite aos aprendizes pensarem em aspectos reais de uso da língua. O funcionalismo linguístico, movimento que se preocupa em estudar a língua em uso pode contribuir para o trabalho com o texto, pois em seus pressupostos básicos defende o reconhecimento de que todo e qualquer produtor precisa explorar os conhecimentos sobre sua própria realidade para poder mencioná-los nos seus textos.

A produção de um dado texto não ocorre sem que o seu produtor tenha conhecimentos já formulados sobre o assunto ali abordado. Há sempre uma relação entre o discurso a ser produzido com o que já foi feito antes. Assim, deve-se considerar que os textos são resultados da própria atividade discursiva do sujeito quando usa a língua em sua comunicação e interação diária. E isto ocorre por meio da constante e contínua relação que se dá dos usuários uns com os outros, mesmo que isso não ocorra de forma linear. Esse caráter intertextual de cada novo discurso produzido nos permite afirmar que para superar dificuldades de produção de texto

na escola os alunos precisam compreender essas relações funcionais (BRASIL, 1997).

A intenção de evidenciar as dificuldades e ao mesmo tempo formular uma sequência didática para trabalhar com o gênero artigo de opinião em sala de aula de 9º ano se torna ação justificável pelo fato de, em primeiro lugar, dispensar uma atenção especial a um diagnóstico do saber dos educandos acerca do gênero e da proficiência em produzi-lo. Isso permite compreender a real situação de conhecimentos acerca do referido texto.

Em segundo plano, o reconhecimento da situação de aprendizagem proporciona planejar atividades para trabalhar com o gênero, analisando suas características, sua funcionalidade e os aspectos estruturais e gramaticais, levando os alunos a compreendê-lo de forma mais profunda. A sequência didática organizada para tal se evidencia como oportunidade para um novo aprendizado, que acaba se tornando caminho na construção da proficiência.

Por fim, o estudo se justifica ainda pela experiência profissional na área de ensino de produção de texto no âmbito do processo ensino-aprendizagem de língua materna. E nesse sentido, as contribuições podem perpassar o contexto de uma única sala de aula, elas servem de base para outros planejamentos e ações, sendo subsídio importante na atuação pedagógica da área.

1.4A TEORIA EO ESTADO DA ARTE

Para a realização deste trabalho três fenômenos que estão envolvidos no âmbito do processo de ensino-aprendizagem de línguas interagem enquanto temáticas associadas ao fazer pedagógico e didático do professor de língua materna. Trata-se do funcionalismo linguístico, do ensino da produção de texto e o gênero textual como objeto de ensino.

As temáticas mencionadas trazem todo um aparato teórico embasado em estudos que ora se isolam, ora se fundem para direcionar propostas que acreditamos poderem ser realmente eficientes e eficazes no que diz respeito a formar alunos leitores ou produtores de textos orais e escritos mais proficientes e competentes. Em suma, unir o funcionalismo ao uso da diversidade de gêneros e o

texto como objeto de ensino nas aulas de produção de texto em língua portuguesa é uma ação que acaba se tornando unidade, quando pensamos em trabalhar com produção textual.

E em se tratando de aparatos teóricos, pode-se figurar, com base nas temáticas que fundamentam o trabalho, em primeiro lugar o fenômeno do funcionalismo linguístico, que tem como seus principais representantes Sandra Thompson, TalmyGivón, Paul Hopper, Joan Bybee, quando se trata de funcionalismo americano. No Brasil, os pesquisadores que se dedicaram a estudar sobre esta corrente da linguística são: Sebastião Votre, Anthony Naro, Vera Paredes, Angélica Furtado da Cunha, Mário Martelotta, Mariangela Rios de Oliveira e Maria Maura Cezario. Mesmo que estes pesquisadores não tenham se voltado para trabalhar com questões relacionadas ao ensino, as postulações adotadas sobre o funcionamento das línguas em geral têm pressupostos e princípios que podem ser aplicadas ao ensino, e no caso deste estudo, ao ensino da produção de texto em língua materna (OLIVEIRA & CEZARIO, 2007).

Dos estudos que são desenvolvidos por professores brasileiros que usam das experiências em sala de aula para pesquisar sobre a temática, em instituições federais e estaduais, vislumbram explicações acerca do funcionalismo como proposta teórica fundamentadora da prática de ensino de língua materna, por se tratar de uma linha teórica que trabalha com a gramática em uso.

Sebastião Votre tem seus estudos incluídos dentro de uma linha de pesquisa sobre teoria e análise linguística, incluindo a pancronia como uma alternativa a se trabalhar no ensino do português contemporâneo. Algo que insere a abordagem funcionalista como perspectiva no desenvolvimento do processo.

Anthony Naro, ao se dedicar aos estudos linguísticos numa versão sócio histórica, também visualiza a abordagem funcionalista destacando aspectos específicos da língua portuguesa falada de escrita o Brasil.

Vera Paredes, assim como Sebastião Votre, se inclui numa linha de estudos teóricos da análise linguística, dando ênfase a temas que abordam o funcionalismo dentro das temáticas da variação linguística, relações fala-escrita, gêneros discursivos, entre outros.

Os estudos mais profundos sobre a abordagem funcionalista são desenvolvidos por Angélica Furtado da Cunha, pois a sua ênfase na área dos

estudos linguísticos é justamente a Linguística Funcional, estudando temas como: gramaticalização, transitividade, gramática de construções, estrutura argumental e ensino de gramática.

Seguindo a mesma linha de pesquisa relacionada ao funcionalismo está Mário Martelotta. Ele estuda principalmente os fenômenos da mudança e da gramaticalização, inclusive tem obras que escreveu juntamente com Furtado da Cunha, como é o caso da obra *Linguística funcional*, da qual são organizadores juntamente com Mariangela Rios de Oliveira. Esta pesquisadora que dá ênfase aos estudos sobre os aspectos funcionais do português brasileiro, em especial aos fenômenos de desconstrução lexical e gramatical, morfossintaxe e advérbios.

E para finalizar os estudiosos mais presentes do funcionalismo no Brasil, cita-se Maria Maura Cezario, que atua especialmente em estudos nos quais as temáticas sobre o uso do português destacam as ordenações de adverbiais temporais, as mudanças construcionais, a formação de construções sob a ótica da Linguística Funcional. Todas essas temáticas concentradas nas considerações sobre a língua em uso.

De uma forma mais doméstica, isto é, não deixando de mencionar os pesquisadores mais próximos e concentrados dentro da área da própria Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), cita-se também alguns nomes. Entre os que se enquadram nesse grupo de estudiosos podemos destacar: Rosângela Ferreira de Lima Souza que pesquisou sobre o funcionalismo em livros didáticos do 9º ano (2013); Jaciara Limeira de Aquino que estudou o caso da concordância verbal numa perspectiva funcionalista no ensino de língua portuguesa (2015); Francineide Cesário de Oliveira com um estudo sobre a produção de significados no gênero Tirinha numa abordagem funcionalista (2012) e Rosângela Maria Bessa Vidal, que estudou construções com adverbiais em-mente, analisando o funcionalismo e as implicações para o ensino de língua materna (2009).

Todos esses estudos têm como perspectiva teórica uma abordagem centrada na ideia de que o funcionalismo pode fundamentar o ensino de língua materna em suas diversas particularidades, por exemplo, nos aspectos fonéticos e fonológicos, morfológicos e sintáticos, semânticos e também no âmbito da variação linguística.

No que se refere à teoria sobre gêneros textuais, sabemos que um dos pioneiros foi Mikhail Bakhtin, pesquisador russo que utilizou a terminologia “gêneros

do discurso” dentro de uma teoria denominada de “enunciação”, pela qual explica que a língua é usada em forma de enunciados orais e escritos concretos e estruturalmente formulados por modos conforme a necessidade, intenção do enunciador do discurso. As explicações sobre tal pensamento se deu na obra “Estética da Criação Verbal” (2000), edição usada neste trabalho.

Após Bakhtin, outros estudiosos investiram na busca por detalhes acerca da teoria dos gêneros e neste âmbito podemos destacar os nomes de Joaquim Dolz e BernardSchneuwly (2004); além de Jean-Paul Bronckart que também se desvencilharam em estudar sobre essa teoria dos gêneros do texto mais direcionada ao ensino-aprendizagem na escola.

No Brasil, a teoria dos gêneros foi estudada por Luiz AntonioMarcuschi em diversas obras nas quais o pesquisador define o conceito e associa-o às atividades da língua em uso. Ele defende que o uso da língua é uma atividade social e cognitiva ocorrida em contextos historicamente delineados e interativamente construídos, assim como os gêneros ao utilizarem o sistema linguístico acabam sendo também uma forma de ação social (MARCUSCHI, 2000).

Portanto, ao reunir funcionalismo linguístico com a compreensão sobre gênero textual, percebe-se a integração de concepções que se associam: usamos a língua para produzir modelos de textos específicos para cada atividade linguística pela qual temos a pretensão de comunicar, informar, interagir socialmente.

Por fim, um dos aparatos teóricos que complementam o estado da arte sobre as temáticas envolvidas nesta pesquisa que não pode está ausente é o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa para os anos finais do ensino fundamental. Esse documento foi elaborado no ano de 1997, a partir da sanção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96, em dezembro de 1996. A nova lei traz no seu texto um embasamento distinto do que fora utilizado nas leis anteriores, adotando como base orientações teóricas e pressupostos firmados em estudos sobre educação, ensino, aprendizagem e concepções referentes às áreas de ensino desenvolvidos a partir da década de 1980, quando muitas transformações ocorreram.

No âmbito da área de ensino envolvendo linguagem e língua, as definições passam a figurar distintamente das concepções tradicionais. A linguagem é entendida como “forma de ação interindividual orientada por uma finalidade

específica” (BRASIL, 1997, p.23). Enquanto isso, a língua é percebida como “um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade” (BRASIL, 1997, p.24).

Segundo Oliveira & Cezario (2007), ao traçar essas concepções em linhas gerais a primeira percepção que se tem é que a orientação dos PCN é de base funcional. Isto porque “assume a língua como um organismo não autônomo, mas como produto e instrumento de comunicação, de persuasão, de expressão, de simulação, enfim, das manifestações humanas” (OLIVEIRA & CEZARIO, 2007, p. 89).

Além do conceito de linguagem e língua dos PCN estarem fundamentalmente firmados no funcionalismo, há de se perceber ainda a sua compreensão acerca do texto como objeto de ensino nas aulas de língua materna. Nesse sentido, a primeira compreensão percebida é que os textos funcionam como atividade discursiva na qual uma está sempre relacionada com as demais e que todo texto se insere, conforme a intencionalidade comunicativa do seu autor, em um determinado gênero (BRASIL, 1997).

A exposição feita nos leva a compreender que este estudo sobre os aspectos funcionais no gênero artigo de opinião na sala de aula de língua materna envolve no cerne dos questionamentos definidos para tal, respostas que podem ser encontradas teoricamente nos estudos desenvolvidos pelos estudiosos aqui apresentados.

1.5 A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

O trabalho com esta temática, ao considerar o problema e os objetivos do estudo nos permitiu pensar e planejar a organização do corpo do texto que ao mesmo tempo expõe, disserta, traz explicações e conduz argumentos sobre os achados do estudo. Sendo assim, o plano final foi organizar uma estrutura de quatro capítulos, que por sua vez se organizam em subtópicos.

O primeiro capítulo faz uma abordagem introdutória, situando o estudo dentro da temática delimitada, expondo a problemática e os objetivos de estudo, justificando a relevância para a área de ensino de língua portuguesa e apresentando

o estado da arte sobre a teoria que é discutida e embasa a pesquisa. Finalizamos o primeiro recorte do estudo com essa exposição sobre a sua estrutura.

O segundo capítulo é o recorte teórico sobre funcionalismo linguístico, sua definição, características, premissas e princípios e também sobre uma breve discussão sobre o ensino de produção textual, em especial destacando o texto como objeto de ensino e a questão do gênero.

Para o terceiro capítulo, dedica-se o espaço textual para apresentarmos procedimentos metodológicos da pesquisa. Em um primeiro momento fazemos a apresentação do caráter da pesquisa definindo os tipos em que está inserida, além de se apresentar o universo onde foi realizada com destaque especial para a caracterização da escola onde foi desenvolvida a intervenção e a turma que participou do processo. Ainda neste capítulo, define-se o corpus, a análise dos dados e a sequência didática trabalhada.

O quarto capítulo é destinado à apresentação e análise dos resultados. Primeiro apresentamos o relato de como ocorreu a sequência de atividades pelas quais os sujeitos de pesquisa desenvolveram a produção do *corpus*, em seguida realizamos a análise dos textos para encontrar os aspectos do funcionalismo na construção do sentido do texto.

No quinto capítulo trazemos as considerações finais sobre o que foi desenvolvido na pesquisa. Portanto, é nesta parte que finalizamos a dissertação. É o momento de apresentarmos as apreensões, constatações, o alcance dos objetivos, as respostas às questões levantadas. É também uma parte na qual dedicamos uma reflexão especial sobre o ensino de produção de texto em língua materna, destacando a importância de nos preocuparmos com as habilidades de uso da língua, de atentar para a ideia de analisar junto com os estudantes sobre as possibilidades de visualizar como a língua funciona nos seus usos reais e perceber que para cada situação comunicativa há uma forma de tratamento das informações para construir o sentido de um dado texto.

2 O FUNCIONALISMO E A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DO FUNCIONALISMO

O Funcionalismo deriva da Linguística Funcional, corrente da ciência linguística que se opôs ao estruturalismo e gerativismo, que preservavam conceitos e preceitos de uma visão tradicional dos aspectos de uma língua. Enquanto estas se preocupavam com a obediência a regras e normas da estrutura do sistema linguístico, o Funcionalismo tem como foco principal a observação do uso real da gramática dentro de um texto, isto é de uma situação comunicativa (FURTADO DA CUNHA, 2013).

Da Linguística Tradicional até o Funcionalismo foram vivenciados vários estágios pelos estudiosos, a fim de explicarem como funcionam as línguas naturais (VIDAL, 2009). Primeiro foi preciso compreender a estrutura, sem privilegiar especificamente a variedade padrão. Essa ênfase à norma foi dada até a década de 1960, quando se consideravam apenas os textos escritos e na maioria das vezes a análise era feita em frases isoladas do contexto.

Os primeiros estudos sobre Funcionalismo foram introduzidos por Whitney, Von Der Gabelentz e Herman Paul, que eram também pertencentes a uma linha de estudos sobre a gramática, por isso eram chamados de neogramáticos. Houve, portanto, com os estudos acerca do Funcionalismo Linguístico, uma mudança de postura acerca das compreensões sobre o uso da língua, as normas e regras que determinam as construções textuais. Além disso, nesta nova forma de compreender os usos linguísticos, passamos a considerar o texto completo e não mais a extração de frases isoladas para serem analisadas, como também se passou a utilizar o texto oral como unidade de análise (CARVALHO, 2008).

É importante compreender que com a abordagem funcionalista, tanto a língua como a própria linguagem passam a ter novas concepções. Língua não envolve apenas o sentido de se cumprir regras, mas é um sistema em que os falantes o

usam como instrumento de interação, pela qual se transmite ideias, sentimentos, emoções, reivindicações e interesses (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2003). A linguagem é também um instrumento interativo que oferece, além da língua como sistema simbólico e de significados, uma diversidade de outros mecanismos que podem ser utilizados para a construção do sentido de um texto, seja este oral ou escrito. E nessa compreensão se inserem também os diversos modos em que a língua se materializa, como é o caso das variações linguísticas. Sendo assim, o texto passa a ser analisado segundo as suas funções (PAVEAU E SARFATI, 2006).

No entanto, o funcionalismo ao qual dedicamos atenção especial neste trabalho tem seu fortalecimento teórico nos Estados Unidos, mais especificamente na década de 1970. Foi inicialmente estudado por Paul Hopper, Sandra Thompson e TalmyGivón. Foi a obra de Givón (1995), intitulada de *Functionalism and grammar* (Funcionalismo e Gramática) que permitiu uma visão mais ampliada da Linguística Funcional contemporânea, definindo o termo Funcionalismo norte-americano. Trata-se de um estudo que dá conta de praticamente todas as áreas de investigação da teoria linguística porque explica a história e a autocrítica, trabalham com a marcação, a tipologia, a modalidade, a estrutura do sintagma verbal e com as relações gramaticais no texto, bem como de aspectos que envolvem a relação entre língua e mente.

Estes pesquisadores iniciaram investigações acerca da língua em uso observando dois contextos: o linguístico e o extralinguístico. As observações desenvolvidas permitiram compreender que o discurso produzido pelo falante de uma língua obedece principalmente aos interesses que são considerados na produção da situação comunicativa, portanto, não seguem uma regra fixa, uniforme. A sintaxe, por exemplo, é dinâmica e por isso não se podem determinar regras gramaticais únicas. A gramaticalização de um texto constitui-se na sua produção segundo as intenções do autor (MARTELOTTA e AREAS 2003).

Martelotta e Areas (2003) defendem a relevância de compreender-se o campo de estudos do Funcionalismo dizendo que se compreende como as situações comunicativas que são construídas pelos falantes nos processos de interação cotidianos. Em suma o “funcionalismo é uma corrente linguística que [...] se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os

diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas [...]” (FURTADO DA CUNHA, 2007, p. 157). De uma forma mais clara ainda Martelotta (2013, p. 157) enfatiza: “A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”.

Portanto, a compreensão nítida é que o funcionalismo linguístico se preocupa em analisar os aspectos da gramática em uso, considerando os usos reais da língua na produção das situações comunicativas cotidianas. Mesmo que, ao se fazer uma análise linguística seja possível perceber que existem dentro do contexto de produção as normas, concepções e princípios adotados que se constituem como regras comuns.

2.2 QUESTÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO NORTE AMERICANO

Uma das definições que podemos formular ao observar o que foi exposto sobre a abordagem funcionalista é que se trata de uma corrente linguística que tem a preocupação de analisar a arquitetura das línguas em função dos mais variados contextos nos quais elas são utilizadas. Sob este prisma, faz-se mister para a linguística funcional analisar as relações de uso dos idiomas em seus múltiplos contextos, em suas distintas facetas e inúmeras nuances, vislumbrando a interação que é fator seminal para a abordagem plural das distintas situações comunicativas humanas.

O cerne da teoria funcionalista considera a linguagem como um mecanismo eminentemente social que em sua gênese congloba a linguagem a fatores de cunho social. Assim, a linguagem ganha um aspecto interativo que se cria e recria interativamente. “Os funcionalistas concebem a linguagem com um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade” (MARTELLOTTA, 2013, p. 157).

Nota-se no que é mencionado acima uma das premissas dessa corrente que é a concepção de linguagem como fenômeno que permite a interação entre os seres humanos. E nesta, há ainda que se interpretar que interagir não é apenas falar ou

escrever, mas também se utilizar os mais diferentes símbolos, instrumentos e mecanismos pelos quais as pessoas se comunicam, compreendem e interpretam o que dizem, ouvem, escrevem, desenharam e simbolizam em textos orais ou escritos.

É na análise dos textos produzidos que se revela o cunho funcionalista. Consoante Martelotta (2013, p. 158) “[...] os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal”. Neste intento, a abordagem funcionalista analisa os enunciados sempre em função do escopo de uso, cotejando e coadunando o discurso na esteira de sua utilização prática, possibilitando o discernimento de que a linguagem é matéria viva, inseparável da sociedade e suas realizações, sempre consubstanciada a seu desiderato lapidar que é a comunicação interpessoal.

Para a língua também há premissas a serem consideradas. Uma delas é que a estrutura linguística “serve a funções cognitivas e comunicativas” (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 28). Significa que nesse sentido, há uma interação entre as funções de uso de uma língua.

O que é produzido em termos de situação comunicativa segue cognitivamente formas que sejam compreensíveis entre quem está em processo comunicativo, e para isso, a base que fundamenta o discurso se constitui nos usos sociais. Segundo Martelotta (2013, p. 158) “[...] a língua não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas.

Sob a perspectiva funcionalista, a capacidade que o ser humano tem de adaptar o discurso ao que anseia comunicar, reflete uma característica inequívoca entre o comportamento social e as situações corriqueiras de linguagem. Sendo assim, o indivíduo está paulatinamente criando seu discurso objetivando inúmeras possibilidades de acordo com as demandas com as quais o mesmo se defronta diariamente em contextos situacionais pertinentes à vida em suas amplas relações sociais.

Por essa premissa, o Funcionalismo é uma corrente que considera o estudo da língua no sentido de que o papel desse dado idioma é ser instrumento de comunicação e por isso, essencial, e ainda mais, preza pelo estabelecimento de um objeto de estudo real. Assim, não há separação entre sistema e uso. Por conseguinte, a linguagem é vista como uma ferramenta que se adapta às diversas

funções, proporcionando a seus falantes um amalgamado de infinitas possibilidades que se moldam à situação real de uso nos mais variados contextos. Assim como é enfatizado a seguir:

Diferentemente das teorias formais, o funcionalismo pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequências das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. (MARTELOT,2013,p. 163)

Sob este prisma, vê-se que a visão funcionalista rompe paradigmas formais que vislumbravam uma língua totalmente descontextualizada, a perspectiva é que esta vive em contínua adaptação às situações reais de comunicação. Igualmente, as constantes mutações em que a sintaxe se propõe objetivam a moldagem às peculiaridades e caráter *sui generis* do discurso face ao contexto linguístico e as inúmeras situações extralinguísticas com as quais o ser humano se defronta em toda sua existência. Conquanto, essas adaptações tenham por escopo primordial a comunicação efetiva, esses ajustes também enriquecem as possibilidades e a força criadora do ser em seu discurso porquanto dão apanágio de empoderamento e singularidade as mais diversas vicissitudes do discurso em situações reais e plurais.

A abordagem funcionalista argumenta a favor de uma linguística baseada no uso [...] Acolhe a hipótese de que a linguagem se adapta às necessidades de comunicação dos seus usuários e as gramáticas refletem essas adaptações (FURTADO DA CUNHA; TAVARES,2007, p.34)

Destarte, a visão linguística na esteira do funcionalismo repousa sobre a conjectura precípua da adaptação discursiva na qual as relações comunicativas se efetivam em favor de seus usuários perfazendo um liame contínuo entre texto e contexto. Desta sorte, o caráter funcionalista ressalta a utilização da língua de maneira deveras natural, no intento de ser instrumento de ação de quem fala ou escreve mediante as mais variadas situações corriqueiras e que as gramáticas são espelhos dessa relação interativa, e não o contrário. Procede, portanto, a ideia de que “[...] o processo de aquisição da língua em si também se desenrola como consequência das interações comunicativas em que se envolve o ser humano desde o nascimento.” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES ,2007, p.34)

As relações linguísticas humanas corroboradas e ratificadas pelo cerne funcionalista vislumbram processos de aquisição que estão amalgamados ao ser desde sua mais tenra idade, no mesmo ritmo às condições defrontadas diariamente para a construção e consecução significativa de contextos reais de comunicação.

[...] os funcionalistas estão interessados em explicar/interpretar as funções que as formas linguísticas exercem no processo de interação verbal. Para isso, investigam-se os fenômenos linguísticos considerando como variáveis os propósitos comunicativos, a frequência de uso, a adaptação semântica e o processo morfossintático, dentre outras de não são de menos relevância. (FURTADO DA CUNHA; TAVARES,2007, p.129).

Assim, a abordagem funcionalista intenta primordialmente os propósitos comunicativos como pilares da ação de uso da língua que o ser humano se vale para interagir fazendo adaptações; busca compreender as frequências desse uso e analisá-las no processo de interação comunicativa e no escopo de estudo de suas variáveis.

Desse modo, é uma visão linguística que se configura pelo desiderato de investigar a relação entre forma e função no uso da língua. Com isso, advoga a integração da sintaxe, da semântica e da pragmática, sendo que o componente pragmático comanda os estudos sobre os aspectos dos componentes sintáticos e semânticos. Na senda de sua análise linguística ressalta que toda a situação comunicativa tem como cerne: o propósito, seus participantes e o contexto discursivo, a influência extralinguística do ato da fala. E ainda mais, inclina-se precipuamente às capacidades linguísticas, comunicativas e aos Contextos De Produção.

Segundo Bolinger; Hopper *apud* Cunha; Tavares (2007) em se tratando da gramática de uma língua, a perspectiva funcionalista atenta para a ideia de que está presente a natureza evolutiva na organização; e desta forma a gramática se torna dinâmica, variável, adaptável, emergente.

Nesse sentido, a veia funcionalista trabalha sob uma perspectiva dinâmica da língua no tocante a sua mais variada gama de possibilidades, porquanto num sentido prático, a língua se manifesta por meio de adaptações e variabilidades geradas pelos muitos e distintos contextos de uso e caráter sui generis e peculiar dos processos de interação comunicativa. A inteligibilidade dos mecanismos e processos de uso dependem e perfazem a consideração de fatores como interação

social, cultura, variabilidade, entre outros. Assim, a função das formas linguísticas, inseridas em contexto de interação social, desempenha papel predominante na esteira funcionalista. “A ideia central é que a língua é usada, sobretudo, para satisfazer necessidades comunicativas” [...] e sua “forma deve refletir, em alguma medida, a função que exerce” (FURTADO DA CUNHA, 2007, p. 17).

Concernente às necessidades comunicativas, a linguística funcional coteja forma e função no anelo de estabelecer um liame peremptório entre o uso e as escolhas que são influenciadas pela prática discursiva. Desse modo a perfeita e completa realização do fito discursivo se dão pelas adaptações pontuais construídas pelo usuário no intuito de satisfazer a comunicação e, por conseguinte a realização concreta de interação.

Fica claro que a gramática fluente no discurso é aquela que mais é coerente com o que o que se quer dizer, com que se intenta transmitir como mensagem aos interlocutores. Defende-se, portanto, “uma forte vinculação entre gramática e discurso, numa tentativa de explicar a forma da língua a partir das funções que ela desempenha na comunicação” (FURTADO DA CUNHA, 2007, p.18).

Destarte, a teoria funcionalista advoga o prisma peremptório da função comunicativa que estabelece a consubstanciação entre discurso e gramática e, por conseguinte o escopo da comunicação que deriva e ao mesmo tempo integra a forma da língua que repousa nas adaptações de interação imanentes e ínsitas do processo de comuta efetiva de mensagens no ato comunicativo. Consoante Furtado da Cunha (2007, p.20) “Uma gramática funcional é, por isso, não um conjunto de regras, mas uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significados”.

Vê-se que a acepção da autora é de que a gramática funcional é calcada fundamentalmente em recursos que perfazem os intentos significativos dos atos de comunicação e as regras são suplantadas pelas variadas nuanças e matizes dos atos concretos com os quais o ser humano se defronta em seu cotidiano. Sob este prisma, a abordagem funcionalista defende os processos de discurso e interação amalgamados veementemente à situação real de comunicação discursiva.

[...] o sistema da língua não é completo, nem homogêneo, ao contrário... Tem como propriedade fundamental a capacidade de adaptar-se aos novos usos presentes no discurso, e é o discurso que vai produzir a gramática. Assim sendo, a estrutura é entendida como provisória e negociável, em movimento contínuo (VIDAL, 2009, p. 36).

A força centrífuga que no discurso produz significados está em processo ininterrupto de adaptação e sua estrutura vislumbra um caráter fugaz e flexível, proporcionando maleabilidade e heterogeneidade. Assim, a lapidação do sistema da língua ocorre enquanto esta vive em constante processo de evolução e construção de acordo com as demandas que surgem na interação comunicativa.

A abordagem funcionalista considera como questão básica o exame das condições de produção da diversidade de usos que faz da linguagem um fenômeno heterogêneo. Em outras palavras, o quadro funcionalista apresenta como traço forte a compreensão da língua dotada de equilíbrio instável (VIDAL, 2009, p.33).

Nesta perspectiva, o cerne funcionalista vislumbra o equilíbrio concomitante à instabilidade, pois as condições diversas de produção e seus usos refletem a marca heterogênea dos fenômenos da linguagem. Destarte, o cerne primordial dos aspectos da linha funcionalista vislumbra a multiplicidade de usos reverberados pelas condições de produção e múltiplas adaptações em função dos mais variados contextos.

E dentro dessa compreensão, muitas diferenças entre os usos gramaticais podem ser percebidas, visto que, dependendo da situação de produção do usuário, as formas que emergem desse uso vão se organizar distintamente. Por isso, os fundamentos da visão de Givón (1995) reconhece a necessidade de compreender que no cerne do Funcionalismo o que a gramática faz no discurso não ocorre de maneira superficial, ou seja, ela não é apenas um elemento codificador de domínios funcionais universais que estão ali organizados e disponíveis para serem usados no ato da comunicação.

2.2.1 Princípios da Abordagem Funcionalista

Nos fundamentos do funcionalismo se preza a ideia de que há um contexto de sentido em que a língua é usada; e neste, a gramática vai ser construída de acordo com os interesses de quem está produzindo o discurso. E dentro desses propósitos do falante é que essa teoria tem como base alguns princípios que são seguidos

justamente para quebrar a visão arbitrária que se tem traçada pela linguística tradicional. Trata-se dos princípios da organização gramatical icônica e o da marcação.

Considerando a iconicidade, compreende-se que naturalmente o usuário de uma língua pode utilizar termos do próprio sistema linguístico para criar novos rótulos, isto é, outras palavras ou formas que funcionam como elementos de construção de sentido do texto. Desta forma, entende-se que o falante de uma língua pode utilizar um referente linguístico para criar outros referentes e isso não se torna uma “invenção”, mas uma ocorrência possível dentro da naturalidade da língua. O mesmo pode ocorrer também com sequências morfológicas e sintáticas. Segundo Martelotta e Areas (2003, p. 24) “o falante não inventa arbitrariamente sequências novas de sons, mas tende fortemente a utilizar material já existente na língua, estendendo o sentido de palavra”. Esta atividade, segundo os autores citados chama-se de motivação semântica. Eles citam os exemplos de quando se usa os termos “pé da mesa, coração da cidade” entre outros.

Nesse princípio, em que o ícone é visível no sentido da criatividade do usuário da língua, existem outras motivações que podem ser utilizadas, como é o caso da motivação morfológica quando se percebe a junção de dois termos para compor apenas um. É o caso das composições como: do termo apagar se forma apagador; de leite se forma leiteiro, e assim por diante.

Existe ainda o mecanismo da motivação fonética, quando, por exemplo, se formam palavras que designam sons. As figuras de onomatopeias representam essa criação: o cocoricó e o plimplim se inserem nesse contexto. É relevante observar que em todas essas composições há motivação para que os usuários criem, componham e quebrem os princípios da arbitrariedade que são preservados pela linguística tradicional (MARTELOTTA e AREAS, 2003).

No princípio da iconicidade, a criatividade do usuário da língua se dá também na formação sintática. Neste âmbito, observa-se que mesmo sem estudar nenhum princípio arbitrário, o falante é capaz de formar sequências ordenadas tal qual elas ocorrem na realidade. Essas formações sintáticas podem ser explicadas da seguinte maneira:

Também são explicados pelo princípio da iconicidade aspectos relacionados à extensão da sentença, assim como à ordenação e à proximidade dos elementos linguísticos que a compõem, dependendo de fatores como complexidade semântica, grau de informatividade dos referentes no contexto e proximidade semântica entre conceitos (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 25).

Fica esclarecido que o falante, ao se deparar com a complexidade de informar sobre um referente, busca formas mais compreensíveis de dizer, dependendo do contexto de comunicação em que ele se encontra. E considerando essa possibilidade, a abordagem funcionalista tem como fio condutor das suas análises a busca por explicações que justifiquem a forma da expressão linguística utilizada.

Outro fundamento observável sob o prisma do funcionalismo é que língua e fala não se isolam uma da outra, como era concebido em uma visão mais tradicional da linguística. Postula-se, portanto, não mais eixos separáveis da visão sincrônica e diacrônica, mas uma percepção pancrônica pela qual a concepção mais pertinente é de que as línguas mudam por diversos motivos.

Em outras palavras, existe um conjunto de processos de mudança que atuam com relativa regularidade sobre os elementos linguísticos, estendendo-lhes o sentido. De uma perspectiva histórica, esses processos podem dar a impressão de uma sequência de mudanças ocorridas no tempo e, de uma perspectiva sincrônica, o que se observa é um conjunto de polissemias coexistindo (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 26).

Nesse pressuposto está a ideia de que o uso da linguagem humana é uma atividade social, portanto, acompanha as transformações e distinções que ocorrem no cerne da sociedade. As diferenças tanto podem ocorrer segundo o tempo, o espaço e as condições de socioculturais. Tratam-se assim de variações e mudanças que podem ser frequentes no ato das produções discursivas. É o que se denomina de variação linguística.

Para encerramento da apresentação dos mais importantes princípios do Funcionalismo atenta-se para a questão da marcação. Nesse princípio, compreende-se o uso de termos marcados como mais complexos; portanto, que exigem maior esforço, enquanto que o não marcado, quando de uso mais frequente exige menos esforço cognitivo (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003).

Um exemplo de marcação e não marcação é presente nas seguintes frases:

- a) Os bois saíram do curral;
- b) Os boi saiu do curral.

Nota-se que a estrutura frasal marcada por todos os plurais adequados aos termos usados, por se tratar de uma composição mais difícil, exige do falante um conhecimento mais complexo do uso da língua; na estrutura não marcada pelo plural percebe-se uma forma mais simples, na qual nem o falar e nem o escrever exigem um esforço mais complexo do usuário.

Para Furtado da Cunha; Costa; Cezario (2003), a estrutura marcada exige maior complexidade cognitiva não somente porque nela está uma maior quantidade de material linguístico, mas também pelo fato de que existe no estabelecimento da concordância relações de dependência entre os elementos frasais. Observa-se também que o exemplo da não marcação é recorrente com maior frequência em contextos de fala informal, por pessoas com baixa escolaridade.

Por último, mais um princípio gramatical de uso da língua em seus contextos reais é a questão voltada para a transitividade verbal. Sabe-se que os estudos de análise linguística que se amparam na visão tradicional da língua colocam como cerne deste aspecto o próprio verbo. Segundo Souza (2013), na visão funcionalista, este fenômeno gramatical é visto diferente. A transitividade é compreendida pela consideração sobre a existência de uma propriedade contínua, escalar, que não é inerente ao verbo, porém tem sua manifestação no todo da oração.

A teoria funcionalista trata a transitividade a partir do estudo da cláusula e não somente centrada no verbo, ou seja, essa teoria entende que o estudo da transitividade é uma maneira de se entender como o discurso pode ser organizado de modo a tornar a mensagem mais compreensível ao receptor da mensagem e de se entender a visão de mundo do emissor (OLIVEIRA, 2011, p. 28).

Essa visão reformulada da transitividade dentro da teoria funcionalista ocorre pela sustentação da ideia de que

[...] a estrutura reflete e é motivada pela função: formas desempenham papéis no discurso, fato que, para os funcionalistas, está subjacente à organização gramatical da língua [...] estudos que se filiam ao funcionalismo buscam identificar as múltiplas possibilidades de manifestação da transitividade em contextos variados de uso da língua, averiguando as motivações funcionais (semântico-pragmáticas, sociais, cognitivas)

subjacentes a cada situação (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 7).

Por essa visão, não se pode listar verbos como transitivos ou intransitivos sem observar a função assumida por ele na oração em conformidade com os objetivos e as especificidades da situação comunicativa. É preciso considerar, portanto, que o verbo não é o parâmetro em si, mas contribui para uma ordenação das cláusulas dentro de uma escala de transitividade.

[...] o grau de transitividade de uma cláusula reflete, em parte, a maneira como o falante ou escritor estrutura o discurso para atingir o propósito comunicativo e, além disso, a percepção das necessidades do interlocutor. Assim, para que haja uma comunicação satisfatória, cabe ao emissor orientar o receptor na maneira como organiza o discurso (ALBANI, 2007, p. 25).

Pode-se observar que os princípios do Funcionalismo estão associados a uma compreensão sobre as formas e opções seguidas pelo falante para poder orientar a sua comunicação com o outro. E nesse processo de construção, ele vai considerando as sentenças que melhor permitem o entendimento. Desta forma, não existe apenas um preceito normativo a ser considerado, mas também outras maneiras de entender e ser entendido por meio da produção dos discursos em suas relações cotidianas.

Para o contexto do ensino na escola, a compreensão sobre esses princípios é devesas importante pelo fato de possibilitar aos professores de língua materna compreender as motivações para o surgimento de tais ocorrências na produção oral e escrita dos alunos. O diagnóstico das ocorrências possibilita o planejamento de atividades que venham a desencadear os processos de desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, no sentido de se intervir nas questões, não para impor condições que privilegiem apenas a visão de que a língua tem apenas uma norma, mas para fazê-los compreender que há normas a serem seguidas mediante cada situação de comunicação.

2.2.2 A abordagem funcionalista e ensino de produção textual na escola: o texto e o gênero

Uma das pontualidades que se depreende ao estudar sobre a abordagem funcionalista é a característica fundamental atribuída à língua; sua funcionalidade enquanto instrumento manipulável pelo usuário abre um leque de possibilidades para se compreender que falar e escrever utilizando um sistema linguístico se torna uma atividade criativa, aberta à invenção de aparatos léxicos e gramaticais para construir os sentidos da informação que queremos transmitir por meio de um dado texto, seja ele oral ou escrito.

É essa criatividade permitida ao falante que subjaz aos mais diversos fatores que envolvem a condição de produção dos sujeitos utilizadores do sistema linguístico. A língua é, portanto, conduzida por uma multiplicidade de funções quando é manipulada no ato da produção textual para atribuir significações às formas linguísticas. Este processo é nomeado por Neves (1997) de multifuncionalidade e por Marcuschi (2008) interdiscursividades.

No entanto, nessa compreensão o que é mais importante observar é a consideração sobre a dinamicidade da língua em seu contexto de uso. Pode-se perceber que tanto o sistema pode variar como assumir mudanças que dependem do contexto de comunicação, no entanto, ao mesmo tempo pode manter o equilíbrio do sistema (MARTELOTTA, 2003).

E quando se pensa nesses pressupostos que indicam a multiplicidade da língua, já considerada por estudiosos contemporâneos, vê-se que são pressupostos muito ligados à corrente de estudos do funcionalismo linguístico e que estes também já estão muito presentes na mediação entre teorização linguística e prática pedagógica (OLIVEIRA, 2012).

A ênfase maior é dada aos aspectos gramaticais, que segundo Furtado da Cunha e Tavares (2007), tem como finalidade uma análise de fenômenos emergentes no uso da língua. O propósito é a ampliação da competência comunicativa quando emparelhamos a forma e a função, por meio das relações de motivações cognitivas e discursivas na produção de um dado texto. Constitui-se assim [...] um conjunto de reflexões sistemáticas que contempla o funcionamento do sistema de uso da língua [...] (OLIVEIRA, 2012, p. 11).

Quando se faz uma análise mais profunda acerca dessas reflexões que já são possíveis sobre a dinamicidade de uso da língua, constata-se que estão amparadas em uma concepção de língua e linguagem que vão muito além das visões dadas pela Linguística Tradicional. Ambas são compreendidas do ponto de vista da interação verbal.

Nessa concepção estão imersos os estudos linguísticos que ora oferecem o funcionalismo como uma opção teórica para apoiar professores no processo de ensino-aprendizagem, tanto da leitura quanto da escrita. E os próprios documentos oficiais, como os PCN de Língua Portuguesa, que sugerem orientações nesse sentido para o ensino de produção textual deixam evidentes a presença dessa visão funcionalista dos aspectos que devem ser considerados no processo. Eis um dos trechos desse documento que permite essa compreensão:

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias ainda que possam ser inconscientes, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. Quer dizer: quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam (BRASIL, 1997, p. 21-22).

Não há como deixar de perceber as evidências do aparato funcionalista nessa reflexão feita pelos PCN sobre as condições de produção textual quando se considera o sujeito dentro do seu contexto, no qual se devem considerar todos os fatores que interferem no processo de construção do seu discurso. E dessa forma, é observável a posição da base funcional assumida nesse documento.

[...] se tivermos que classificar, em linhas gerais, a orientação dos PCN, podemos dizer que ela é de base funcional, uma vez que assume a língua como um organismo não autônomo, mas como produto e instrumento de comunicação, de persuasão, de expressão, de simulação, enfim, das manifestações humanas (OLIVEIRA e CEZARIO 2007, p. 89).

Sob o prisma do entendimento exposto, pode-se afirmar que o ensino de produção textual na escola, quando se configura o aparato teórico que o ampara,

não há como negar a presença do apoio de uma concepção de língua como uso corrente e que por isso tem a participação de um plano de produção de texto que envolve atividades sociais e interativas. Nisso, a língua funciona em sua forma e função como um sistema aberto, sujeito às motivações que interferem na sua interface; há, portanto, uma intrínseca relação entre os domínios discursivo, funcional e cognitivo, fato este que vai dar inspiração aos padrões gramaticais, reafirmando a visão funcionalista da proximidade entre discurso e gramática (OLIVEIRA, 2012).

Considera-se ainda que quando cita-se a relação entre discurso e construção gramatical, consideram-se os aspectos linguísticos que são usados no ato da produção textual para construir sentidos que permitem aos interlocutores de uma situação comunicativa se entender. Nesta atividade, outro detalhe que é percebido e que se alinha à ideia da multifuncionalidade linguística é o conceito de gênero textual e a sua composição como objeto de ensino da produção de texto.

A ideia de gênero é o que permeia novas perspectivas para o ensino de produção textual na escola porque, ao considerar essa dinâmica das múltiplas funções assumidas pela língua a concepção é que

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (BRASIL, 1997, p. 23).

Vê-se, portanto, que o ensino de língua materna ou mesmo de outro idioma não mais suporta uma visão limitada sobre a língua e os próprios usos gramaticais. É preciso considerar as funções que têm os aspectos funcionais do sistema linguístico em cada contexto, em cada gênero, porque cada unidade textual tem uma funcionalidade e uma forma diferente de tratar a informação. É nesse pressuposto que se inclui a teoria dos gêneros textuais e, conseqüentemente o texto como objeto de ensino nas aulas de língua materna.

2.2.3 O texto como objeto de ensino

O uso do texto como objeto de ensino é tema sobremaneira debatido, principalmente no que concerne à prática do professor no ensino-aprendizagem por parte das instituições de ensino. E como o presente estudo se detém em expor os desafios referentes à produção textual do artigo de opinião, tem-se como caminho a utilização do texto como o principal objeto de análise, bem como de ensino da língua materna visando, por conseguinte o desenvolvimento de uma proficiência que vislumbre mediação, interação e completude.

E como no texto manifesta-se a linguagem, para uma questão de abordagem deste como objeto de ensino, é concebível refletir sobre as atitudes que manifestam as concepções sobre este objeto quando se tem uma visão funcionalista da língua. Um dos primeiros elementos que não se pode admitir como caráter que define o texto nesse sentido é o de que ele se constitui como um produto fechado de um sistema linguístico, pois há uma diversidade de fatores que implicam no uso da língua. Segundo os princípios do Funcionalismo, quem lê um texto aqui, pode utilizar as ideias que nele estão formuladas para produzir o seu próprio texto. Nisto, compreende-se que o texto, no cotidiano das relações e interações comunicativas se dissemina e é reproduzido com distintos parâmetros, tanto no que se refere à sua finalidade, se é narrar fatos; descrever objetos, pessoas e fenômenos; informar ou instruir, bem como defender pontos de vista por meio do uso de argumentos quanto ao gênero, ou seja, quanto ao modelo seguido. Porém, nem sempre a escola o compreende dessa forma. Especialmente quando se olha para a questão deste recurso didático como objeto de ensino.

Incluir o funcionalismo como aparato teórico no processo de ensino da produção textual requer, antes de tudo definir uma concepção de texto distinta da que tradicionalmente se difunde na escola, bem como das ações pautadas nas concepções pedagógicas do professor e de todos os aspectos que envolvem o ensino-aprendizagem de língua. Kleiman (1995) ao pesquisar a prática de estudo de texto na sala de aula encontrou situações que revelam concepções distorcidas sobre o texto, isto quando comparamos tais concepções com a que é definida pela Linguística Funcional, por exemplo, que considera o texto como unidade de sentido

sua produção pautada nas condições linguísticas, culturais, sociais do usuário da língua, incluindo em tudo isto a intenção comunicativa.

Segundo a autora supracitada¹ continua na escola uma visão de que o texto é um conjunto de elementos gramaticais, a partir de atividades que são apresentadas pelos livros didáticos, onde são considerados apenas os aspectos estruturais isolados de um contexto ou da situação comunicativa. Esta visão desvincula o trabalho de leitura e escrita pautado na definição de texto como unidade de sentido, já que as atividades se centram no estudo dos aspectos gramaticais. Em suma, a língua continua sendo concebida como um sistema normativo padronizado, homogêneo, uma visão que se fundamenta na Linguística Tradicional.

Enfatiza Kleiman (1995) que isso gera o surgimento de mais uma distorção conceitual sobre o texto, a de que este é um repositório de mensagens e informações, “é a crença de que o texto é apenas um conjunto de palavras cujos significados devem ser extraídos um por um, para assim, cumulativamente, chegar à mensagem do texto” (KLEIMAN, 1995, p. 18). O trabalho com o texto, nesse sentido, se resume à extração de sentidos, interpretações que são vistos como absolutos. A maioria dos livros didáticos não traz um trabalho com classificação de gêneros e tipos, pois todo texto é um depósito de mensagens e informações, sem objetivo e sem função social.

A pesquisa de Kleiman (1995) foi realizada com a realidade do nível fundamental regular, bem aplicável ao público que faz parte deste estudo. Vale apenas reiterar que essas concepções estudadas pela autora já não estão mais tão presentes nos livros didáticos, há realidades em que os autores de livros já demonstram atividades que deixam explicitamente as mudanças, pois trabalham a unidade textual, porém, no que se refere às práticas de uso do texto como objeto de ensino, há de se considerar as concepções do professor, que nem sempre comungam com as do livro em uso.

Nesta perspectiva, urge aos docentes uma reflexão crítica quanto aos métodos utilizados para o desenvolvimento das habilidades da produção textual que são imprescindíveis, não obstante, a didatização de gêneros textuais ser bastante contraditória e as diferentes abordagens estarem distantes de unanimidade, por conseguinte ajudarem diminutamente os educadores. Para alguns teóricos o escopo

¹Op. Cit. Kleiman (1995).

não é tornar os gêneros objetos reais de ensino, mas utilizá-los como “quadros de atividade social em que as ações de linguagem se realizam” (BRONCKART, 1999). Alguns defendem o ensino explícito dos gêneros, argumentando que estes se constituiriam em instrumentos de mudança social e empoderamento (CHRISTIE, 1999; ROTHERY, 1996).

Sob este prisma, subsidia-se o presente trabalho sob a égide da Teoria Funcionalista que explora a língua com bases no contexto linguístico e na situação extralinguística que se unem à produção do gênero como sendo de grande relevância para a funcionalidade que é dedicada a cada gênero criado dentro de um contexto de uso linguístico. Sendo assim é imprescindível estudar os gêneros textuais em contextos discursivos específicos e propósitos comunicativos dos interlocutores, facilitando assim sua abordagem, estudo e inteligibilidade. A cada gênero definido para um determinado objetivo, está o uso da

[...] língua, na sua atualização, representa e reflete a experiência em ação, as emoções, desejos, necessidades, a visão de mundo, valores, ponto de vista. A linguagem verbal é encontro e luta, é corpo a corpo que não admite passividade (BRASIL, 2000, p. 21).

Considerando essa dinamicidade da língua, a tarefa do professor ao utilizar o texto como objeto de ensino se reveste de uma primordialidade ainda mais acentuada, pois para o ensino dos gêneros textuais deve ser levado em consideração não só o conhecimento prévio dos discentes, mas também todo o amalgamado de valores e pluralidade de atitudes e sentimentos que demanda cada sujeito. Neste prisma, o docente carece de uma sensibilidade veemente no que concerne às atividades em geral que envolve a produção escrita, dando ênfase aos desejos e aspirações dos educandos e promovendo um aprendizado real, que esteja condizente a sua realidade.

Sendo assim, um dos principais desafios que nossos educadores enfrentam é demonstrar a importância do estudo dos gêneros textuais como práticas sociais destinadas a diversos usos e de imprescindibilidade fulcral em todos os setores e âmbitos da vida. Sem esquecer-se de alertar para a ideia de que cada gênero tem um uso específico da língua, conforme as aspirações daqueles que o produzem.

2.2.4 Definições importantes para o estudo de gênero discursivo

Conforme é acentuado por Bakhtin ([1953] 2000), todo uso que se faz da língua se dá por meio de um discurso – oral ou escrito – realização empírica de um gênero de texto. É este autor clássico que introduz uma reflexão sobre os gêneros do discurso, que embora tenha um sentido distinto do gênero textual propriamente dito, tem forte significância para o entendimento atual sobre os gêneros discursivos, ou seja, para a teoria dos gêneros textuais.

Consoante Johns (2006) há diferentes variáveis que podem dar formas distintas a um texto segundo as intenções de quem o produz, constituindo assim o gênero discursivo, que ao ser afetado por essa rede de variáveis que operam juntas, muitas vezes se torna complexo e multifacetado. Neste sentido, o gênero textual ou discursivo “constitui-se numa relação funcional entre texto e contexto, ou seja, entre um tipo de texto e uma situação retórica” (COE, 2002, p. 197).

Neste caso, o estudo do gênero discursivo se dá por uma imbricada gama de possibilidades, diverso de nuances, por vezes complexo, abrindo um leque imenso de possibilidades para seu estudo e ensino, todavia, ampliando a responsabilidade das instituições escolares para seu estudo coerente e coeso no anelo de demonstrar a pluralidade dos gêneros e a multifacetada gama de utilizações práticas na vida dos discentes, tornando o aprendizado importante e significativo, pois é algo vivo e pertencente ao universo do aluno que é falante e *pari passu* escritor.

Por isso, os gêneros, conforme afirma Bazerman (2005, p. 31), “são parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”. Essa apropriação que se faz da língua para a realização dos mais diversos gêneros é um ato prático e real no tocante ao desenvolvimento contínuo dessa proficiência concomitante a sua reanálise e reelaboração, perfazendo processos de aprendizagem. Neste sentido, urge ao educador utilizar essas abordagens para promover processos de aprendizagem que abarquem o número maior possível de gêneros nas mais variadas situações que poderão e deverão ser utilizados na vida cotidiana dos discentes.

Quando se fala de inserção do texto em um determinado gênero, é preciso que se tenha clareza de que os gêneros textuais podem desencadear uma

diversidade ilimitada de formas, as quais se propagam a cada momento em que há a carência de finalidades para a escritura de um texto. Isso ocorre porque há um pressuposto básico entendido por Antunes (2009, p. 54) como o de que “a língua usada nos textos – dentro de determinado grupo – constitui uma forma de comportamento social”.

De uma forma geral o gênero textual é algo presente no cotidiano das pessoas de todas as idades e níveis sociais, porque a sociedade utiliza esses textos tanto na oralidade quanto na escrita. No entanto, dificilmente se dá conta da classificação que estes apresentam segundo o caráter estrutural, finalidade e função exercidas, aspectos que ocorrem segundo seus objetivos. Por isso, é preciso atentar para levá-los ao processo de ensino-aprendizagem de leitura e produção de texto na escola.

Portanto, os gêneros textuais corroboram e ratificam funções sociocomunicativas que são fundamentais para que a escola cumpra seu papel social como instituição formadora de cidadãos conscientes e ativos em uma sociedade que cada vez mais exige pessoas comprometidas com as transformações sociais e capazes de participar por meio das ações sociais que são inerentes à linguagem de modo particular e fulcral os gêneros textuais nas suas mais distintas nuances e peculiaridades (MARCUSCHI, 2002).

Mas, quando se relaciona os gêneros ao ensino, tem-se que admitir a necessidade de um aparato teórico. Travaglia (2002) ao considerar essa necessidade identifica três elementos tipológicos: *tipo*, *gênero* e *subtipo*, que estão extremamente comprometidos nas teorias de tipologização de textos. O *tipo* de texto pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução, o que constitui critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. O *gênero* se caracteriza por exercer uma função social específica e o subtipo se caracteriza por aspectos formais de estrutura e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo.

Assim, enquanto professores pode-se situar a organização do ensino com base na diversidade de textos. Precisa-se, para um trabalho sistemático com o texto, considerar pontos que são fundamentais para o professor organizar seu trabalho e orientar seus alunos adequadamente, sem criar problemas desnecessários. O aparato teórico é o primeiro passo na organização de sequências de atividades

didáticas para trabalhar uma diversidade imensa de tipologias e que são analisadas sob diferentes aspectos. Estas tipologias se cruzam e se conjugam formando intercâmbios de textos. É por isso que se diz que os tipos e gêneros são complementares.

Os tipos e gêneros são complementares tanto pelos intercâmbios que se formam dentro dos seus contextos, isto é, no interior de sua estrutura, quanto pela reprodução, ampliação e reconstrução (intertextualidade) que pode ser realizada a partir da leitura de um dado escrito. Mas, é preciso considerar os elementos tipológicos que indicam a inserção do texto em grupo que tem características comuns. Essa discussão e nem sempre é possível abranger, em uma obra escrita, todos os aspectos (TRAVAGLIA, 2002).

Caso os professores consigam aliar as atividades de ensino de gêneros dando ênfase a atividades de cunho real e cotidiano, indubitavelmente os discentes irão entender e assimilar os gêneros textuais como algo que na realidade já faz parte do seu próprio âmago e imprescindível para a sua interação e rede de relações sociais nos mais variados âmbitos sociais. Neste intento, pode-se romper com um paradigma de educação fragmentado, levando os alunos a romperem suas dificuldades e chegar à proficiência educacional na escrita de textos. Dessa forma, pode-se promover uma educação linguística que permite ao aluno vivenciar de forma mais real os usos do sistema linguístico. Como diz Segundo Bakhtin, ([1979],2003, p.265) “a língua passa a integrar a vida através de gêneros (que a realizam); é igualmente através de gêneros que a vida entra na língua”.

Um dos maiores problemas no ensino dos gêneros textuais como do processo ensino-aprendizagem em geral são currículos muitas vezes arcaicos e obsoletos que oprimem o professor e cerceiam os educadores de uma orientação mais moderna e que realmente valoriza o conhecimento prévio dos discentes e quebre determinados paradigmas culturais já muito arraigados e que devem ser amplamente revistos e discutidos. A este propósito, McLaren, (1988) assegura que o maior desafio é romper com um currículo prescrito, que na maioria das vezes é próprio da orientação do letramento cultural.

Sendo assim, o gênero textual e seu estudo devem ser feitos de maneira coerente e coesa, devendo está intimamente ligados não só a situação real de vida atual do aluno, mas também àquelas com que ele poderá se defrontar em uma

sociedade cada vez mais dinâmica e de letramentos cada vez mais intensos. Para que os educandos adquiram a proficiência esperada na produção dos gêneros discursivos, os mais variados possíveis, a escola deve manifestar e explicitar que esses gêneros devem ser apropriados e apreendidos pelos discentes nas mais distintas situações de comunicação e que cada uma dessas produções discursivas se adaptem à viabilidade e exequibilidade comunicativa que deve ser desenvolvida concomitantemente, e por uma prática diária de expressão oral e escrita.

Esse interesse de se considerar os mais variados gêneros discursivos deve vislumbrar um espaço além da sala de aula; e para se chegar a um aprendizado efetivo, os discentes devem compreender que os gêneros não são simples e puramente componentes do currículo escolar, mas sim uma aquisição que vai além dos intramuros das instituições escolares para abarcar toda a sua vida social (MARCUSCHI, 2002).

Os professores em geral devem estar atentos a sua prática pedagógica, proporcionando aos que estão em processo de aprendizagem um estudo dos gêneros cada vez mais eficiente e voltado para a realidade, não desprezando a cultura dos educandos e seus reais anseios e aspirações. Sob este prisma, o educador navega em águas bastante profundas, mas que por isso mesmo devem ser bastante exploradas, sendo o objetivo principal ensinar o aluno a nadar no mar dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2000).

Neste sentido, não somente os alunos ou docentes devem encarar o estudo dos gêneros como algo essencial na sua formação geral, mas também, todo o sistema educacional deve vislumbrar cada vez mais a primordialidade dos gêneros como algo inerente à vida e realidade dos aprendizes no intuito de dar aos mesmos algo que já é de sua pertença: a língua, o domínio pleno das competências e habilidades de utilização consciente e crítica de seu idioma. Sendo assim, cabe à escola um papel muito mais abrangente e ao professor, delegado um papel eminentemente social.

Parafraseando as palavras de Bakhtin (2003), a vida entra na língua por meio dos gêneros e unicamente perpassando os gêneros a língua passa a constituir a vida e de acordo com ele:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em

cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, [1979], 2003, p.262).

Naturalmente, as possibilidades dos gêneros serem infinitas, as condições de ensino e de abordagem dos mesmos também o são, por isso é imprescindível o desenvolvimento e planejamento de uma proposta de ensino cada vez mais dinâmica, salientando as inesgotáveis atividades que os textos e discursos demandam, como também a imensa gama de exemplificações e inserções de utilização corriqueira destes na vida cotidiana dos discentes e do falante em geral nas mais variadas situações.

Apreensão dos gêneros é de fundamental importância, pois insere cada vez mais as pessoas em seu meio social de forma ativa por meio de ações comunicativas que o integram a múltiplas possibilidades de agência de utilização desses mesmos gêneros em situações reais de atividades de comunicação. Como Bronckart (1999, p. 103) salienta: “A apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

A escola deve por meio de práticas pedagógicas diversificadas e bem planejadas, nortear o trabalho de ensino-aprendizagem por meio da gama mais variada de textos para aprimorar a criticidade dos discentes e desenvolver por meio dos gêneros textuais o encontro dos alunos com o meio em que eles estão inseridos e com as práticas que fazem parte de sua realidade. Neste sentido, o trabalho da escola é cada vez mais aproximar-se e estar intimamente interligado com a comunidade onde está situada, conectada com o mundo em geral e o ensino dos gêneros passa ser o lugar ideal para o desenvolvimento dos discentes de forma plena e exitosa.

Sendo assim, o estudo dos gêneros textuais visa não simplesmente o aprendizado passivo e inerte, não obstante, como atividades humanas estruturadas linguisticamente que são construídas e vivenciadas por ações reais. Neste ínterim, urge ao professor procurar métodos cada vez mais dinâmicos e interativos para o ensino satisfatório e exitoso dos gêneros textuais, reconhecendo sempre o educando como ser pensante e detentor de um conhecimento prévio imprescindível para o fulcro e base da flexibilidade do planejamento do ensino-aprendizagem,

visando uma educação eminentemente voltada para o desenvolvimento das capacidades e habilidades do discente e valorizando-o como ser criativo e singular.

2.2.5 O trabalho com os aspectos funcionalistas no gênero artigo de opinião

Ao se considerar os pressupostos da teoria funcionalista apresentados no início deste capítulo, em que os usos reais da língua se constituem como o foco principal da análise sobre os fenômenos que ocorrem nas situações de comunicação, tanto orais quando escritas, não há como dispensar uma atenção especial ao contexto do gênero trabalhado na intervenção proposta neste estudo.

Um dos detalhes a serem observados para poder desenvolver os procedimentos de intervenção foi considerar que quando um usuário da língua produz um enunciado estabelece um diálogo com outras práticas discursivas e com sua própria realidade linguística, cultural e social. Desta forma, faz por onde produzir textos que tomam como as situações concretas de uso da linguagem. Segundo Bakhtin (2000), no processo de produção já estão imersos discursos que circulam socialmente e que o produtor do texto tem conhecimentos de sua inscrição em determinadas práticas discursivas, ou seja, em um gênero textual historicamente construído.

Trata-se de considerar, na intervenção proposta, a concepção de linguagem como interação social e a de que a língua é um sistema de representação do sujeito em suas atitudes de participação nas situações comunicativas diárias que são sempre realizadas com propósitos e interesses, às vezes coletivos e em outras individuais. Essas concepções, segundo Martelotta e Areas (2003) estão inseridas como premissas da teoria funcionalista.

Intenta-se assim, para uma intervenção que trabalhe a dialógica da linguagem como ponto de partida para o entendimento de uma abordagem de ensino de produção textual com base nos aspectos do funcionalismo linguístico. Esse enfoque, tanto voltado para o conceito bakhtiniano de gênero como da gramática em uso, deixou muito evidente as relações entre usos reais da língua e organização do propósito textual, considerando as transformações que ocorrem nas

relações políticas, históricas, econômicas e culturais de uma comunidade linguística. Na atualidade, por exemplo, há novas exigências com relação à leitura e escrita.

[...] exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até há bem pouco tempo – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. A necessidade de atender a essa demanda, obriga à revisão substantiva dos métodos de ensino e à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução (BRASIL, 1997, p. 23).

Significa, portanto, ter definição sobre o trabalho com a diversidade de gêneros e sobre as sequências textuais mais comuns neste processo. É preciso compreender, que há funções especiais para quem vai narrar uma história e outras para quem vai descrever um objeto; assim como as funções de um texto que defende opiniões são diferentes desses outros. Por isso, a importância de esclarecer o aluno sobre a noção de gênero textual

para referir-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2002, p. 22 – 23).

Essa visão de gênero, além de privilegiar os aspectos social, histórico, funcional e interativo nos quais se dão o uso da língua, faz consideração à sua natureza externa. O privilégio dado ao gênero faz com que o estudante em processo de aprendizagem linguística considere seu contexto de uso nos processos comunicativos nos quais o texto é eixo central. Nesse momento, ele se vê como integrante do processo de construção da interatividade que a língua promove diariamente através do texto. Trabalha-se assim com a perspectiva na qual segundo Bronckart (1999), as condutas humanas são mediadas e organizadas pela linguagem.

O uso dos gêneros textuais como objetos de ensino torna-se de fundamental importância porque nos auxilia na compreensão de que o domínio de apenas um gênero não assegura a preparação linguística para desenvolver todos os eventos textuais que são possíveis em uma língua, mas que representa apenas uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

Schneuwly e Dolz (2004) esclarecem muito bem que os gêneros textuais têm como característica principal a heterogeneidade das práticas de linguagem; por isso emergem uma série de regularidades no uso. E isto exige a compreensão sobre as diversas formas de expressão conforme a função do texto: narrar, descrever, argumentar, instruir, informar, entre outros. Ensinar a produzir texto nessa perspectiva é o que pode influenciar o aluno a dominar melhor os rumos de suas produções textuais, dependendo do contexto comunicativo.

Ao observar isso é que se considera importante entender a definição do artigo de opinião que é um dos gêneros importantes a serem direcionados como opção para vivenciar a intervenção proposta nesta pesquisa. Salienta-se também a importância de compreender como se processa o referido gênero no contexto de sua funcionalidade enquanto unidade discursiva, ou seja, como uma das situações comunicativas muito utilizadas pela sociedade em diversos portadores de texto.

2.2.5.1 O gênero artigo de opinião

A proposta de escrever um texto na escola, seja ele de qualquer gênero, em geral é um das maiores dificuldades dos alunos. Infante (1998) lembra que na fala, os alunos não apresentam dificuldades de produção textual, geralmente eles dão conta das funções de narrar, descrever, argumentar, instruir ou informar. Para o referido autor é na escrita que estão presentes as maiores lutas enfrentadas por eles. Acontece que há muito que se considerar entre o texto escrito e o falado.

Pode-se perceber que no texto oral os falantes sabem o que dizer por que o seu interlocutor está presente, o que também contribui para o reconhecimento sobre o contexto comunicativo e possibilita uma interação mais ativa, uma vez que, ao não entender algo, o outro pode perguntar, dizer o que não entendeu recorrer a gestos e expressões. Quando se trata do texto escrito, todos esses aparatos que não são propriamente do texto devem ser substituídos por elementos textuais que deem conta de torná-lo claro e compreensível.

Para Antunes (2003) a maioria dessas dificuldades de escrita reside na ideia de que, quando estamos diante de uma proposta de produção textual é preciso que tenhamos em mente o que dizer, como dizer, quando dizer e a quem dizer. Dessa forma, é preciso que quando o professor oriente uma proposta de escrita para os

alunos ele deixe claro, portanto, o tema, o gênero e a sequência textual que pode ser seguida. Esses detalhes auxiliam aos aprendizes a entender como proceder mediante ao que afirma a autora citada.

Isso ocorre porque, segundo Marcuschi (2008), o texto é um processo que se produz em planos enunciativos complexos; e estes transcendem o funcionamento das regras fixas, isto é, perpassa a questão normativa porque sua constituição depende das relações existentes entre os indivíduos que usam uma determinada língua. Nesse sentido, “o texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações alternativas e colaborativas” (MARCUSCHI 2008, p. 79).

Essa concepção de texto se relaciona largamente com os pressupostos do funcionalismo linguístico e também com a teoria da diversidade de gêneros. E como a proposta de intervenção é voltada para a escrita de um artigo de opinião, vale a compreensão sobre este, já que se enquadra dentro de uma singularidade quanto aos seus aspectos funcionais.

Segundo Andrade (2011), um dos primeiros pontos a se observar é que por ser um texto de opinião o referido gênero pertence à esfera da sequência argumentativa como dominante, além de ser também muito próprio do contexto jornalístico. No entanto, circula, além de em jornais e revistas, na internet, tanto em sites quanto em blogs. Sobre as características mais pertinentes do gênero em questão podemos perceber o seguinte:

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor (BRÄKLING, 2000, 226).

Como se pode observar, a sequência argumentativa é a que mais fica evidente como característica dentro do gênero artigo de opinião. Para escrever o texto de sequência argumentativa, Infante (1998) enfatiza a necessidade de considerar certos aspectos que compõem a sua estrutura: a introdução, que é o ponto de partida do texto e onde se apresenta o tema a ser abordado; o desenvolvimento, que é onde se encadeiam ideias, argumentos, informações de forma organizada e criteriosa; e a conclusão, parte final do texto, o resumo sucinto

do conteúdo total do texto, onde se expõe uma avaliação final sobre o assunto discutido.

Vale ressaltar que essas partes, determinadas para a caracterização do texto de sequência argumentativa não significam blocos separados que não se relacionam. Segundo Koch (2002), considerando que todo texto tem que ter uma progressão, as partes deste têm uma relação interdependente, ou seja, parágrafos, frases e sequências devem ser construídos a fim de haver uma ligação entre elas para poder, na leitura, construir-se o sentido global.

E quando se trata especificamente da escrita, isto é, dos procedimentos adotados no ato da produção dessa sequência textual, o uso dos recursos linguísticos que organizam os argumentos para convencer o interlocutor devem ser focalizados. Inclui-se nisto os aspectos que são marcantes em todo o desenvolvimento desta sequência que são: demonstrar-justificar uma tese ou refutá-la com o argumento de uma ideia adversa (ADAM, 2008).

Adam (2008) alerta também para algumas considerações acerca da organização do raciocínio argumentativo afirmando que há neste tipo os elementos implícitos. Ele acrescenta ainda que o protótipo da sequência argumentativa pode ser definido por uma sucessão de quatro fases: a das premissas, na qual se admite um conhecimento anterior do qual o produtor parte para construir uma tese; a de apresentação de argumentos, os quais se constituem de elementos que orientam a provável conclusão; dos contra-argumentos, na qual operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e que podem ser refutados tanto por constatações como por exemplos e por último a fase da conclusão, momento em que os efeitos de argumentos e contra-argumentos se integram e reformulam o estabelecimento da tese.

O que se conclui sobre a escrita de um texto que tem como principal característica a sequência argumentativa é que o professor necessita de um plano de trabalho no qual se considere o tema a ser discutido e os argumentos a serem utilizados em sua construção (INFANTE 1998). Tem-se que pensar nas melhores formas de usar elementos linguísticos que possam expressar opiniões e conceitos.

De acordo com Koch (2001) é preciso compreender o uso de termos linguísticos, mais conhecidos como operadores argumentativos e dos elementos de coesão, estes são mecanismos linguísticos que permitem orientar o produtor do

texto para a construção do sentido nos enunciados. E quando se considera a ideia dos elementos linguísticos no campo da morfologia e da sintaxe, fala-se de vocábulos como pronomes, advérbios, adjetivos, conjunções, interjeições, dentre outros que estão presentes na gramática da língua e operam segundo o uso intencional no contexto da situação comunicativa, isto é, nesse processo de uso é que se observam os aspectos principais do que o Funcionalismo inclui no seu escopo de estudos.

De forma sintética, pode-se compreender que a escrita do texto argumentativo pode ser avaliada a partir do uso de diversos aparatos que a língua oferece, sendo que estes têm que dar clareza ao ponto de vista defendido sobre o tema que está sendo abordado. Isso significa dizer que o professor, ao se valer dos aspectos funcionais tem que atentar para os aparatos específicos que estão envolvidos na produção textual, em especial ao uso de elementos linguísticos que proporcionam a coesão e coerência, relações sintáticas e outros empregos da gramática que são indispensáveis na construção do sentido em um texto.

3 DA INTERVENÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 O CARÁTER E O CONTEXTO DA PESQUISA

Boaventura (2014) afirma que é indispensável esclarecer, tanto a delimitação do tema de pesquisa, como também vincular os procedimentos utilizados ao problema e aos objetivos. O referido autor destaca ainda que todo processo de investigação desenvolvido mediante uma temática a ser pesquisada instiga a busca por respostas às questões levantadas. E é isto que permite ao pesquisador definir o caráter do estudo que pretende desenvolver.

Assim, tendo em vista já se ter especificado a temática, bem como definido e exposto o problema no capítulo inicial detalham-se os procedimentos que foram seguidos para chegar aos resultados que podem responder aos questionamentos elaborados.

Nessa perspectiva, a demonstração sobre a metodologia desenvolvida situa, além do tipo de estudo, os procedimentos que foram adotados, tanto na pesquisa quanto na intervenção, esclarecendo os passos seguidos, o universo estudado, os instrumentos utilizados, as técnicas e a forma como se deu a coleta e o tratamento dos dados.

Além disso, a exposição sobre a constituição do *corpus*, por meio de descrição e enumeração, auxilia no esclarecimento dos métodos e procedimentos que são utilizados para a análise dos dados, não se esquecendo de recapitular a problemática, os objetivos e associar à forma que se propõe expor as percepções que foram possíveis com o estudo.

3.1.1 Tipo de estudo

Um dos aspectos importantes quando se planeja desenvolver uma pesquisa e apresentá-la em um texto acadêmico é pensar em que contexto específico está inserido tal estudo no que se referem aos objetivos delineados, às técnicas utilizadas e à abordagem que será seguida no tratamento e na apresentação dos dados e dos resultados.

Ao compreender o planejamento geral de todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa, conclui-se que o seu caráter se define a partir de seu campo de atuação. E nesse sentido, ao adentrar a área da educação em língua materna o desenvolvimento deste estudo se insere dentro dos estudos da Teoria e Análise Linguística. E neste campo, a linguagem se torna o grande objeto a ser investigado porque, segundo Moita Lopes (1994), tanto no contexto escolar como fora dele o estudo referente à linguagem, do ponto de vista processual, envolve as relações indissociáveis do sujeito com o seu contexto social.

Entender o processo de produção de textos sendo realizado por discentes e considerar o funcionalismo linguístico como foco teórico nesta construção é também considera-los imersos em um contexto sociocultural que os determinam, mas também que interfere na vivência de suas construções comunicativas. Em outras palavras, esta pesquisa permite a compreensão de como os alunos podem também ser determinados pelos usos da linguagem.

Em se tratando da tipologia vinculada aos objetivos da pesquisa, pode-se concluir que o estudo é uma experiência de cunho exploratório e analítico com fundamentos descritivos de observação em uma linha de estudo de caso vislumbrando o desiderato de entender os processos que permeiam a *práxis* pedagógica acerca da proficiência de produção do gênero artigo de opinião.

Ao se definir como experiência em sala de aula de língua materna, tem-se como finalidade principal desenvolver uma intervenção pedagógica dentro do contexto de ensino de produção de texto. E nesse aspecto, segundo Lakatos e Marconi (2003) a pesquisa experimental tem como objetivo testar hipóteses de causa-efeito, que neste estudo se referem à utilização da abordagem funcionalista como teoria aplicada ao ensino de produção textual escrita do gênero artigo de opinião.

Pode ser identificado como um estudo exploratório com base nas definições de Gil (2002) quando afirma que este tipo de estudo visa aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre um determinado fenômeno; a finalidade principal é desenvolver, esclarecer ou modificar conceitos e ideias, criando questionamentos e lançando possíveis hipóteses para estes, sendo que tal processo pode ser feito através de diversas técnicas. Como o intento está situado em desenvolver análise de trabalhos feitos por discentes, bem como as práticas de interação e mediação destes com os docentes, vê-se este procedimento como resposta aos objetivos da experiência.

Opta-se ainda pelo estudo analítico descritivo realizado por meio da observação da vida real. Segundo Lakatos e Marconi (2003), este tipo de estudo é desenvolvido no ambiente real e parte de uma observação participante, pela qual se registram os dados à medida que os fatos forem ocorrendo. É analítico-descritivo porque após as observações foi feita uma análise descritiva pela qual se identificam os aspectos funcionais trabalhados no processo de produção escrita do artigo de opinião.

Referente à abordagem de tratamento dos dados obtidos no estudo, utiliza-se a abordagem qualitativa, pelo fato de não se considerar os procedimentos quantitativos. Segundo Gil (2002) este tipo de abordagem se detém em descrever o caráter dos fenômenos observados.

Ainda sobre o tipo de estudo desenvolvido, Lakatos e Marconi (2003) ressaltam que para a obtenção de dados de uma pesquisa também se considera o processo de levantamento dos dados do estudo. É o que os autores chamam de uso da documentação, que pode ser do tipo direto ou indireto. Neste estudo, as fontes para o levantamento de dados são diretas, já que são compostas de textos escritos pelos próprios discentes, que também participam enquanto sujeitos de pesquisa.

Por fim, considera-se ainda a realização da pesquisa bibliográfica que foi desenvolvida para o aprofundamento dos conhecimentos acerca dos aspectos teóricos referentes à teoria funcionalista. Esta ação permitiu ler sobre os fundamentos teóricos que embasam o estudo. Segundo Gil (2002) a busca por uma bibliografia para embasar as pesquisas é feita por meio de leitura dos mais diversos materiais já publicados sobre o tema.

Neste estudo, as leituras e proposições defendidas por estudiosos da área são transformados em proposições teóricas que identificam a evolução histórica dos conceitos, definições e princípios do funcionalismo, bem como dos aspectos que fazem parte de uma abordagem profícua para ser utilizada como base para o ensino de produção de textos, uma vez que enfatiza sobre a teoria linguística e o uso do texto como objeto de ensino, considerando a diversidade de gêneros em que este é materializado no cotidiano das situações comunicativas e usos reais da língua.

3.1.2 A constituição do universo de pesquisa

A instituição escolar que se tornou universo desta pesquisa é a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Colégio Raimundo Mesquita, situada na cidade de Reriutaba no Estado do Ceará. Foi selecionada para o desenvolvimento do estudo pelo fato de ser a unidade de ensino a qual se está vinculado como professor de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental. Este é um requisito geral do PROFLETRAS.

Além disso, é uma de grande importância para a cidade, fundada no início da década de 1960, pela família Mesquita, que naquela época, morando fora do Estado do Ceará, sendo de naturalidade Reriutabense e com grande capital financeiro resolveram ajudar à cidade construindo sua primeira escola.

Portanto, é uma unidade de ensino antiga, que foi pioneira no sentido de ofertar ensino público aos cidadãos do município. Foi lá que se formou a primeira turma de concluintes do ensino secundário no ano de 1964. Hoje, a unidade serve à rede municipal de ensino.

3.1.2.1 A escola

A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Colégio Raimundo Mesquita localiza-se no centro da cidade de Reriutaba/ CE. A oferta de vagas é para o Ensino Infantil e Fundamental, funcionando em três turnos: matutino, vespertino e noturno.

Os professores que servem ao processo de ensino-aprendizagem são em número de 30, fora os gestores, coordenação pedagógica e o pessoal de apoio para as atividades leitura, secretaria e serviços gerais. Ao todo são 52 funcionários atuando na organização do processo educativo.

Tentando instituir uma cultura de amor, paz, harmonia, cooperação, disciplina, justiça, esperança, lealdade, otimismo, comprometimento, preservação de valores, a escola atende a vários bairros carentes da cidade. Grande parte dos alunos são filhos de agricultores, pedreiros, serventes, vendedores ambulantes, pequenos comerciantes e empregadas domésticas.

Tem como missão exercer uma gestão democrática e participativa, na qual se envolvem todos os membros da comunidade escolar nas tomadas de decisão, estimulando a cada dia os esforços para que cada segmento cumpra o seu papel. O trabalho desenvolvido prima pela conscientização dos estudantes e pela preservação de valores no sentido de fornecer uma educação de qualidade, para o compromisso, a ética, a iniciativa, a criatividade e a versatilidade.

Como concepção pedagógica de ensino e aprendizagem, a escola busca se situar em um processo de construção de conhecimentos por interação, sem impor saberes acabados, mas procurando nortear um processo educativo voltado para o compartilhamento de ideias, opiniões e conhecimentos.

3.1.2.2 A turma

A turma de 9º ano da escola Raimundo Mesquita é composta por 25 alunos. Os mesmos sentem muita dificuldade quanto à produção escrita dos gêneros em geral, principalmente no que concerne ao artigo de opinião, pois o texto dissertativo-argumentativo requer prática, leitura e um discernimento lógico que os alunos ainda não adquiriram, notadamente pela falta de leitura e pela ausência de exercitar crítico e consciente da escrita.

De forma genérica, podem-se perceber dificuldades muito profundas, mas que se imagina existirem as possibilidades de se trabalhar com elas, desde que sejam observadas, elencadas e trabalhadas. O estudo sobre o funcionalismo despertou ideias para a intervenção que é apresentada neste trabalho.

Em suma, faz-se necessário um trabalho contínuo de leitura e escrita, como também um estudo contumaz dos aspectos formais e práticos dos gêneros textuais para que os discentes se familiarizem com as infinitas possibilidades que os gêneros dispõem para todos na vida prática. A intervenção exposta no próximo capítulo trabalha uma sequência didática para a escrita do artigo de opinião, com base na percepção de um diagnóstico já estabelecido, diante dessas dificuldades.

3.2 OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA, A INTERVENÇÃO E O *CORPUS*

3.2.1 Os instrumentos de coleta e a intervenção

Sob a ótica da produção textual, foi realizada uma observação *in loco* com educandos, subsidiando a inteligibilidade do processo ensino-aprendizagem na busca pelo êxito do desenvolvimento da proficiência do gênero supracitado artigo de opinião. Posteriormente ao diagnóstico de aspectos funcionais pontuais, foi feito um trabalho de intervenção visando à melhoria do processo ensino-aprendizagem com atividades diversas de cunho textual, tanto na leitura quanto na escrita.

Esses trabalhos foram propostos em todas as disciplinas da sala, visando uma integração do gênero textual a todas as áreas de ensino, proporcionando uma aprendizagem coesa, salientando a importância da apreensão efetiva do artigo de opinião em diversas situações do cotidiano.

Neste sentido, o trabalho rompe paradigmas, demonstrando que os gêneros textuais estão ligados a todas as disciplinas e não se constituem um conteúdo particular da área de linguagens e códigos. Portanto, os discentes entreveram a primordialidade deste estudo e das infinitas possibilidades advindas dele como meio de desenvolvimento concomitante a todas as disciplinas escolares.

3.2.2 A constituição do *corpus*

Trabalhamos neste estudo com a finalidade de salientar os percalços, identificando os entraves que dificultam o êxito do desenvolvimento da proficiência dos alunos do 9º ano na produção do gênero textual artigo de opinião. Após diagnóstico das dificuldades, propomos uma intervenção pedagógica na qual consideramos os aspectos teóricos do Funcionalismo no ensino de produção textual para promover a melhoria da competência comunicativa do aluno na escrita do gênero proposto.

Partindo da execução da proposta de produção textual constituímos o corpus de análise desta pesquisa, o qual é formado por nove textos, artigos de opinião escritos pelos alunos do 9º ano da turma já mencionada e identificada neste capítulo.

3.2.3 O tratamento e a análise dos dados

Diante dos objetivos que foram delineados para esta pesquisa e da tipologia definida, o que faz com que observemos a descrição como uma das principais sequências textuais a se constituírem como dominante podemos definir que o tratamento dos dados é realizado a partir da observação e interpretação dos dados coletados por meio do questionário aplicado com, os professores e dos textos produzidos pelos alunos.

O caráter que se delineia a partir do que é descrito a partir do corpus estudado e do cunho qualitativo da pesquisa faz pensarmos quais informações que são tratadas a partir dos dados partem da análise do conteúdo. Segundo Bardin(2009) o método assim denominado para tratamento de informações em uma dada pesquisa se torna um conjunto de técnicas aplicadas para observar os procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens de um instrumento o corpus.

Considerando essa técnica de análise, a estrutura seguida parte da demonstração dos artigos de opinião produzidos pelos alunos e da interpretação dos trechos que se inserem nos usos funcionais da língua, para que possamos observar

os aspectos referentes princípios da teoria na construção do sentido dos textos. Selecciona-se em cada texto, pelo menos um aspecto do funcionalismo para ser analisado.

4 ASPECTOS FUNCIONAIS NA CONSTRUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO POR ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

4.1 O ATO DA INTERVENÇÃO: ELENANDO E TRABALHANDO AS DIFICULDADES DE PRODUÇÃO DOS ALUNOS

A proposta de intervenção, como planejada, iniciou-se na sala de aula do 9º ano com a aplicação de um questionamento com os alunos acerca dos seus conhecimentos sobre o artigo de opinião como gênero textual que trabalha com a predominância da sequência argumentativa.

Direcionou-se três questões problematizadoras:

- 1) Você já leu um artigo de opinião?
- 2) Você sabe identificar um artigo de opinião?
- 3) Você se sente capaz de escrever um artigo de opinião?

Com as questões em mãos, os alunos teriam que respondê-las na forma escrita, depois seriam socializadas na forma oral.

Detectou-se, com este questionamento que a maioria absoluta dos alunos nunca havia lido um artigo, nem saberia identificá-lo. Da mesma forma, também responderam que não se sentiam capazes para responder.

Outro detalhe observado é que as principais dificuldades dos alunos em relação aos gêneros textuais são concernentes ao hábito da leitura e da escrita; o que levavaos discentes a não entenderem aspectos básicos da feitura dos gêneros textuais tais como: objetivos, estrutura e principalmente, no caso do gênero abordado, a base argumentativa.

Diante dessa percepção, entendeu-se que a turma necessitava se situar mais conscientemente acerca do gênero artigo de opinião, entendendo sua funcionalidade, seus aspectos textuais, gramaticais, tipo de linguagem apropriado, a sequência predominante e as partes que o compõem.

Passou-se então a trabalhar com os aspectos teóricos e metodológicos da leitura, produção e identificação do texto argumentativo, especificamente do gênero

artigo de opinião; após, apresentou-se a proposta de produção do artigo que se constituiu com *corpus* deste estudo.

Primeiro realizou-se a leitura de um artigo de opinião e na sequência trabalhou-se cada aspecto do texto: a padronização, a estrutura, os suportes textuais nos quais são publicados. Depois, aprofundaram-se os detalhes sobre a sequência argumentativa destacando suas características principais e a macroestrutura que se apresenta no texto quando ela predomina.

Os conceitos sobre o desenvolvimento da tese, partindo de um problema ou de um assunto polêmico foram focalizados sobremaneira, para se dá ênfase às questões que mais identificam o artigo de opinião, ou seja, o principal objetivo da exposição sobre o gênero na intervenção foi trabalhar as particularidades que o identificam como artigo de opinião e como sendo um texto no qual a sequência argumentativa predomina.

Após estas exposições fez-se a proposta de produção textual. Para orientá-la foram distribuídas com os alunos cópias de uma capa da Revista Veja, na qual aparece como manchete principal uma abordagem sobre a questão ambiental no planeta Terra. A referida capa é apresentada na Figura 1:

Figura 1 – Capa da Revista Veja abordando a temática.



Fonte: Revista Veja (2007).

Foi distribuída também, juntamente com a capa da revista uma sequência de três questões norteadoras, utilizadas para explorar a motivação dos alunos a uma análise sobre o assunto que chama mais a atenção; a terceira questão se constitui proposta de produção do artigo de opinião. Eis as questões na Figura 2:

Figura 2 – Questões preliminares.

1. O que desperta mais a sua atenção nesta capa?
2. O assunto que está sendo o destaque da capa da Veja é polêmico? Explique.
3. Você irá produzir, a partir deste tema, um artigo de opinião. Observe os aspectos estudados até agora, e escreva seu artigo lembrando-se de defender a sua posição, sustentando-a com argumentos.

e

: Autoria própria.

Vale lembrar que antes de produzir o artigo, a matéria jornalística referente ao tema abordado na manchete de capa da Revista Veja também foi lido. Dessa leitura, foram construídos conhecimentos sobre o tema, dos quais os educandos se serviram para construir suas teses e argumentos na construção do texto. Após a produção do artigo, os textos foram recolhidos para se constituírem *corpus* para a análise que é desenvolvida no tópico a seguir.

4.2 ANÁLISE DOS ASPECTOS FUNCIONAIS NO ARTIGO DE OPINIÃO

Inicia-se analisando o primeiro texto destacando que logo nos primeiros parágrafos é perceptível a presença de aspectos funcionais: na sua linguagem, nos usos emergentes do seu produtor e nas marcações contínuas/ descontínuas que aparecem em alguns momentos. Uma das percepções interessantes é que o sentido do texto não é prejudicado pelos empregos linguísticos, especialmente voltados para as questões fonológicas, que são usadas pelo produtor do texto.

Para entender melhor a análise, veja-se o texto na íntegra representado na Amostra 3.

Amostra 3 – Artigo de Opinião 1.

1.	O planeta terra destruido por seus proprios habitantes.
2.	com a variacao de tecnologia e os produtos quimicos.
3.	que hi, que cada dia aumenta e avaliando seus producoes
4.	e aumentando a ecologia no planeta terra.
5.	No planeta o cuidado esta ficando de lado
6.	há todo momento, As pessoas não estão se conscientizando
7.	que o planeta pode perder suas qualidades, suas paisagens
8.	seus rios, seus florestas e os seus proprios recursos
9.	que são os mais afetados pelo desenvolvimento há
10.	cada dia recursos são tirados do seu habitantes e
11.	colocados em maquinas e são triturados.
12.	Consequencia é a palavra que temos que colocar
13.	em cartoes, folhetos, comerciais e em todos os lugares
14.	públicos para que as pessoas tenham consciencia
15.	do que estão fazendo ao um seu proprio o
16.	habitante da terra. Cuidando da terra é uma ação
17.	que sempre vai ter uma reacao, porque se os
18.	o são apenas consequências do que fazem
19.	com a propria natureza o desenvolvimento
20.	causa consequências não muito boas para
21.	a natureza e para a saúde das pessoas.
--	

Fonte: Autoria de aluno após proposta de produção textual

O primeiro ponto a se observar no texto é que o produtor consegue elaborar uma tese: falta conscientização do ser humano para manter a sua própria qualidade de vida no planeta. Esta poderia ser uma tese mais formal, porém, mesmo de forma emergente ela pode ser observada no artigo.

No entanto, ao direcionar a análise para os aspectos funcionais que podem ser destacados neste texto pode-se concordar que, em primeiro lugar o aluno ainda apresenta aspectos descontínuos no uso fonológico de alguns fonemas, como é o caso da palavra “almenta” no lugar de “aumenta”.

Vê-se nesse caso o fenômeno da motivação fonética destacado pelo funcionalismo, pelo qual o falante/ usuário inventa uma convenção própria, mas que não foge totalmente da formalidade ortográfica, afinal o “l” também pode ter som de “u”. Ele usa um símbolo no lugar do outro certamente tendo como base a convenção

usada no final de algumas palavras nas quais a norma instrui o uso do “l” com som de “u” no final de nomes, morfológicamente falando, em palavras da classe dos substantivos. Neste caso, ele quebra a regra, usando a mesma convenção fonética na primeira sílaba do verbo “aumentar”.

O mesmo fenômeno ocorre na grafia da palavra “consciência” e na derivação “conscientizando”. Nestas duas palavras, os usos do “s” e “z” também representam o princípio da marcação, através do fenômeno da motivação fonética; e isto aparece quando o discente grafa “conciencia” e “concientizando”. Nas duas grafias fica evidente a ausência do “s” que é convencionalmente orientado pelas regras ortográficas; no segundo termo, quando ele flexiona a palavra de substantivo para verbo no gerúndio, permanece a ausência do “s”, comprovando a invenção de uma norma própria, porém, com base nas convenções formais.

Apesar da existência dos fenômenos, pode-se perceber que o texto não foge dos aspectos que fundamentam a macroestrutura do texto argumentativo, sequência predominante no gênero artigo de opinião. Percebe-se ainda que o produtor desenvolve uma introdução, se posiciona tentando construir uma tese acerca da problemática relacionada com a questão ambiental no planeta Terra. Para isso, apresenta alguns argumentos e conclui o texto com uma proposta de intervenção.

É evidente que seu texto necessita de melhorias, tanto no desencadeamento de ideias e mais especificamente no que diz respeito ao fenômeno da motivação fonética. O educando necessita ser trabalhado no quesito fonológico, para poder compreender o aspecto fonético do uso do “l” com som de “u”, bem como em algumas questões referentes à organização do texto, embora tenha conseguido formalizar a estrutura do gênero proposto para a redação.

O que de fato pode ser analisado acerca dos equívocos cometidos no texto é a questão da sua escritura dentro dos aspectos temáticos; parece evidente que a questão voltada para a leitura sobre o tema necessita ser mais aprofundada para que as premissas acerca do assunto sejam mais amplas, ricas, no sentido de recheiar o suporte enciclopédico, o vocabulário específico à área, dentre outros detalhes que são necessários, para dissertar e ao mesmo tempo argumentar sobre uma determinada temática.

E nesse sentido é que se incluem também as condições de produção do usuário. No momento, talvez a única contribuição que pode ser dada pelo aluno no

sentido de produzir um texto com a funcionalidade do gênero proposto, seja esta, quando se considera a sua posição enquanto sujeito social, algo que é amplamente valorizado pelo funcionalismo, especificamente quando enfatiza a presença da linguagem como atividade sociocultural. É por este princípio que se pode avaliar a condição do produtor do texto, pela visibilidade que ele tem do mundo, a partir do seu próprio lugar, da sua cultura, dos seus conhecimentos acumulados historicamente.

Continuando com a análise apresenta-se mais um texto, que está representado pela Amostra 4

Amostra 4 – Artigo de Opinião 2.

A poluição em nosso planeta é bem aguçante. O que nós podemos fazer? Para melhorar temos que jogar o lixo no lixo não em qualquer lugar, sendo que os veículos como carro, moto poluem o ar mas se deixa de estar no veículo pelo menos algumas vezes seria, mas a longo prazo isso seria impossível, para muitos então não dá certo, e o desmatamento e que também afetam o ambiente. Se o último se não tivesse desmatamento mas também não teria como produzir alguns materiais, no Japão há uma enorme poluição no ar.

Vemos que a poluição em nosso planeta é bem aguçante que pode melhorar mas algumas coisas não prejudicar, mas temos que melhorar [...] e vendo todo isso é que devemos ver que nós temos que agir, acordar, porque cada vez mais que o mundo cresce tem mais poluição, temos que acordar e fazer alguma coisa [...]

Fonte: Autoria de aluno após proposta de produção textual.

Quando se empreende a atividade de leitura do texto apresentado e se coloca em comparação à macroestrutura do texto argumentativo, bem como do gênero

artigo de opinião, pode-se pensar que a tendência do mesmo é muito mais voltada para a exposição. No entanto, pode-se perceber que o produtor, utilizando-se dos aspectos que foram discutidos acerca do gênero em sala de aula, parte primeiramente de uma afirmação, para depois definir uma problemática, por meio de uma pergunta. Significa que logo na introdução do artigo, o aluno delimita, a partir da afirmativa de que o problema da poluição é agravante, um problema por meio de um questionamento: O que nos podemos fazer diante e tal gravidade?

Todo o restante do texto é dedicado a responder a essa pergunta. E é tentando responder a tal questão que o produtor vai se perdendo em construções sintáticas repetitivas, fora das convenções que são instruídas para se adotar na construção do sentido de um dado texto. Percebem-se as “marcas” da oralidade muito fortes em todo o desenvolvimento do texto.

Passagens do texto que podem ser exemplos do fenômeno da marcação explicada pelo funcionalismo são as seguintes:

- a) “mas se deixa de esta no veículo ...”
- b) “...mas algumas coisa irá prejudicar...”

No primeiro trecho, observa-se a supressão do “r” no final do verbo “deixar”, além de outros aspectos relacionados com a acentuação e a pontuação. Mas, de todos, o que fica mais evidente é a descontinuidade de marcação na frase; vê-se também que estão ligados à relação das diferenças entre oralidade e escrita, algo que ainda não é uma condição do produtor. Em outras palavras, o aluno que produziu o texto ainda não sabe fazer as diferenças de complexidade na flexão verbal, em especial na terminação do verbo quando este se encontra no infinitivo.

No segundo fragmento, pode se observar a descontinuidade na inexistência da concordância do nome “coisa” e do verbo “ir”. Há evidências de que o produtor do texto ainda não sabe fazer a marcação do plural na frase escrita, utilizando a forma que ele costumeiramente fala. Em suma, o princípio da variação linguística é o mais evidente nesta segunda construção.

É também importante esclarecer que quando se observa esses aspectos do funcionalismo no presente texto não se está concluindo que se deve deixar de ensinar as convenções normativas, ou seja, não considerar como importante as regras de concordância, mas, entender os motivos pelos quais esses alunos ainda estão se equivocando quanto à escrita, tanto do verbo no infinitivo quanto do

estabelecimento do plural para seguir normalmente as regras de concordância da norma padrão.

Entende-se a necessidade de se perceber com clareza os eventos de diferenciação entre uma variante e a outra, uma vez que, a presença destes estimula a conclusão de que, a língua usada na oralidade desses alunos funciona da forma como eles escrevem. O que é necessária é a intervenção pedagógica no sentido de se trabalhar as questões relacionadas com as diferenças entre os usos da língua falada e os da escrita. Os alunos precisam compreender essas distinções. Além disso, também é importante que tenham em mente que o gênero ao qual foram instruídos a escreverem exige o domínio, não absoluto, mas, pelo menos aproximado da norma padrão. Portanto, as regras de concordância necessitam ser utilizadas nessa escrita.

Mais um texto que permite a atividade de análise dos aspectos funcionais é demonstrado na Amostra 5.

Amostra 5 – Artigo de Opinião 3.

	Planeta pede Socorro.
onte	ela está vivendo o mais ambiente
:	fazendo de tudo para sobreviver e que ela
Auto	não está entendendo muita coisa com as coisas
ria	que ela tem por que ela está vivendo lá
de	o que tem no terra.
alun	ela tem a consciência de que ela se
o	relando ela pode entender o planeta para
apó	nao saber como a terra
s	ela está tentando sobreviver na terra
prop	de exemplo de sem nome de curso ela
osta	pois ela sempre pensava lá como sempre
de	pois ela pode fazer muitas coisas lá
prod	porque que ela precisa fazer para
uçã	entender ela nunca teve problemas o
o	planeta
text	
ual.	

pós a leitura do texto, um dos primeiros aspectos que chama a atenção em sua produção é a incompreensão, por parte do seu produtor, sobre a macroestrutura do gênero e tipo textual que foi proposto para a escrita. As sequências que predominam no referido recorte apresentado estão distribuídas entre a descrição e a narração.

No entanto, quando se dispõe a analisá-lo sob a luz dos princípios funcionalistas, principalmente quando se considera que a língua e a linguagem são atividades socioculturais, que os empregos no texto variam conforme a condição contextual de seus usuários pode-se concluir que há vários aspectos que podem ser considerados.

O primeiro deles é que, apesar de os conceitos sobre o gênero artigo de opinião e sobre a sequência argumentativa terem sido expostos, identificados e debatidos em sala de aula, o educando não compreendeu esses conceitos, em especial as partes que tratam da funcionalidade de um texto argumentativo. Isto porque, em nenhum momento se vê expressão de uma opinião sua sobre a questão relacionada com o meio ambiente terrestre. O texto se delimita a demonstrar o pensamento de outrem, provavelmente alguém que está sendo citado na matéria lida previamente para trabalhar premissas a serem utilizadas como base para a discussão da temática.

Não significa que o aluno produtor desse texto não tenha nunca emitido sua opinião sobre algo, o que fica claro é a dificuldade que existe em argumentar no texto escrito. E isto pode ter uma relação com a sua forma de participar dos debates sociais. Portanto, há uma relação, nesse sentido, com o uso da língua como atividade sociocultural.

Mas, também é possível perceber muitas marcas da oralidade no texto, mesmo dentro dos elementos caracterizadores da descrição e/ ou da narração. As repetições muito evidentes do pronome “ela” são exemplos fortes da marcação oral no texto. Confirma-se, portanto, nesta produção o princípio do funcionalismo que adota a compreensão de que língua e fala não se isolam uma da outra, elas caminham juntas; e o falante, ao necessitar usar a língua na sua forma escrita, transfere para esta as atividades da fala.

No caso do texto da Figura 5, sendo uma atividade de escrita exercida dentro do contexto de ensino de língua materna, vê-se a necessidade de o professor compreender essa possibilidade da marcação, para poder fazer um diagnóstico de uso linguístico do aluno. Observar o texto em análise sob esse prisma instiga a compreensão de que é preciso planejar intervenções mais precisas para que se trabalhe a consciência do aluno, levando-o a entender a funcionalidade normativa da língua conforme a situação comunicativa.

É deveras importante que o estudante de língua materna compreenda que o gênero artigo de opinião tem a função de apresentar pontos de vista, opiniões do produtor do texto. Por isso, se utiliza das seqüências da argumentação e nesse processo de construção, a variedade linguística adotada é a mais próxima possível da norma padrão. E nesse caso, os aspectos funcionais do texto, mesmo se considerando os usos sociais, são distintos e distantes da oralidade.

Como a proposta de estudo se volta para a análise de nove textos, dando continuidade ao seu desenvolvimento, apresenta-se e analisa-se mais um texto exposto por meio da Amostra 6.

Amostra 6 – Artigo de Opinião 4.

onte: Autor ia de aluno após prop osta de prod ução textu al.	<p style="text-align: center;"><u>Idéia Ambiental</u></p> <p>Hoje sempre de hoje é muito difícil encontrar alguem com ideia ambiental. ou até mesmo quem pensa no meio ambiente. As pessoas vivem em conveniência ambiental. Hoje não é que vemos e pessoas na rua, paradas e vestidas com roupas de mala de negócios, etc, e com preocupação jogam na rua.</p> <p>Com várias formas de preservar o meio ambiente, como por exemplo, a primeira coisa é ter uma consciência ambiental, depois o papel ou alguma outra coisa descartáveis jogar no lixo e não na rua. Ainda sempre com um cantil isso evita que você compre garrafas pet. Ainda com sacolas de fibra natural, se você for andar com crianças de colo, coloque na fralda de pano. Assim não precisara comprar fralda descartáveis. Existem várias ideias para preservar o meio ambiente.</p> <p>As pessoas vivem se preocupar mais com o meio ambiente do que a si mesmo. ficam comprando carros, motos e não pensam que muitos carros e motos podem poluir o ar.</p> <p>As pessoas vivem plantar mais árvores e colocam lixos cultivados. Assim quando tiverem alguma coisa descartável ficaria mais agradável com lixos. Temos que lembrar que a primeira ideia ambiental tem que partir de nos mesmos.</p>
--	---

orizar muito as hipóteses argumentativas, o texto em análise contempla o gênero artigo de opinião porque tem como sua principal função expor a opinião do seu produtor. Porém, atentando de forma mais pertinente ao objetivo do estudo, que é analisar os aspectos do funcionalismo, e procurando tais fenômenos no interior deste artigo três excertos chamam a atenção:

- a) “Hoje só o que vemos na rua e pessoas...”
- b) “assim não precisara comprar fralda descartáveis”

c) “... a primeira ideia ambiental tem que partir de nós mesmo.”

Os três excertos do artigo produzido pelo aluno ou aluna trazem construções sintáticas com problemas de concordância. A primeira frase, o verbo ser “é” não está concordando com o nome “pessoas”, ou seja, o uso do plural na expressão “é pessoas” é suprimido do verbo e se apresenta em uma expressão muito comum no uso oral, sendo, portanto, um aspecto propício a abordagem funcionalista.

Já a expressão “fralda descartáveis”, apesar de não ser muito comum na oralidade, acredita-se também representar uma descontinuidade pelo fato de se tornar uma marcação complexa para quem produziu o texto.

E no último caso, quando aparece escrito na frase “partir de nós mesmo”, a relação com a oralidade é muito comum. Enfim, em todas as construções que apresentam os fenômenos da marcação, revelam-se as funções linguísticas que são comuns dentro da cultura dos falantes no aspecto oral. Quando os alunos partem para a escrita, levam essas dificuldades de construção sintática do plural para o texto escrito não conseguindo estabelecer dentro dos moldes da norma padrão.

Em ambos os casos, o produtor do texto tem que partir para uma observação mais complexa do que está sendo dito. Sob a compreensão funcionalista, esse processo de marcar os plurais para estabelecer a concordância entre termos sintáticos é um dos mais complexos no âmbito cognitivo. A concordância entre verbo-nome, nome-verbo ou mesmo nome-nome relações mais complexas porque os termos são dependentes entre si. Em outras palavras, o esforço cognitivo é bem maior. E como a oralidade é menos formal, ela acaba influenciando diretamente na escrita, mesmo que o gênero exija a formalidade.

Outro aspecto do funcionalismo que pode ser observado na construção desse texto é o princípio da transitividade. Dois verbos que tradicionalmente podem ser classificados como intransitivos, dentro da construção textual da Amostra 6, estes verbos se tornam transitivos. Tratam-se dos verbos “pensar” e “jogar”. No primeiro excerto observa-se a oração “[...] quem pensa no meio ambiente [...]”, na qual vários complementos podem ser imaginados para o flexibilização do verbo no infinitivo, neste caso. No segundo excerto pode-se vê: “[...] e com preguiça joga na rua [...]”; da mesma forma que no primeiro caso, o verbo jogar pode receber diversos outros complementos porque o sentido da palavra jogar neste trecho não se refere a “jogo” especificamente, mas a atirar o lixo na rua. Enfim, nestes aspectos referentes à

transitividade, pode-se observar que a construção semântica dada pelo usuário nesse texto está totalmente adequada quando se percebe a sua relação com os usos que são comuns não somente na oralidade, mas também no funcionamento da comunicação escrita.

E novamente, quando se fala em adotar o olhar funcionalista, é preciso compreender que a função do professor será de intervir demonstrando ao aluno as diferenças que existem entre os usos na oralidade e na escrita, em especial quando se referir a gêneros textuais escritos que exigem maior formalidade, como é o caso do artigo de opinião.

Trabalhar com os aspectos funcionais, nesses casos, é trabalhar com o treino, com a prática de leitura e escrita cada vez mais corriqueira do gênero, possibilitando aos alunos um contato mais estreito com os textos formais.

Para continuar observando e analisando os aspectos funcionais presentes nos textos escritos por alunos do 9º ano, apresenta-se a quinta produção dos alunos, demonstrada na apresentação da Amostra 7.

Amostra 7 – Artigo de Opinião 5.

O Salvar a Terra
 O meio ambiente precisa de mais cuidado
 humanos destruído o mundo e os recursos
 naturais na terra e para de destruir a terra
 e os recursos no que isso pode causar
 prejudicar a nós mesmo como fogos e destruição
 de água fora e a água acaba nos mesmos
 de sede e a água acaba com as árvores.
 Como sabemos respirar e tá os homens e todo
 mundo geral deve ter consciência e no que
 isso vai causar e não sabe não tem
 isso também vai causar danos na gente e
 tem que ser assim e um por todos e todos por um
 assim somos mais fortes que continue destruído
 só que se prejudicar somos nos mesmos
 analisar esse ponto.
 Essa sendo destruído e outros coisas mais
 mais e então vamos e plantar de volta
 assim nos mesmos perdidos e mais possível
 que não tá fora as coisas e consciência
 a mãe natureza agradece sua contribuição
 e tá um por todos e todos por um.

Fonte: Autoria de aluno após proposta de produção textual.

Ao ler o texto apresentado acima poderia se elencar vários aspectos que são explicados pelo funcionalismo para o contexto da produção textual e dos usos linguísticos. No entanto, pode-se ser redundante, pelo fato de que alguns dos episódios presentes são muito parecidos com os que já foram analisados. Por isso, prefere-se destacar algumas expressões que se encaixam perfeitamente dentro da concepção funcionalista de que as línguas, em seus usos reais passam por mudanças, transformações, tanto quando se refere ao decorrer do tempo quanto de um lugar para outro. Em ambos, as diferenças entre o oral e o escrito também são muito pertinentes.

Pois bem, está se falando do processo de variação linguística. Este se manifesta de maneira veemente no texto, iniciando-se com o uso da expressão “deveriam ter vergonha na cara”. Esta é tipicamente comum nas construções orais mais populares. E não muito diferente, pode-se perceber mais adiante outra expressão comum, especialmente nos recôncavos mais nordestinos: “e não rebole lixo nas ruas”. A marca é o uso do verbo “rebolar” que mesmo dentro da própria região Nordeste tem sentidos diversificados, dependendo da região em que o sujeito usuário da língua vive. No interior do Ceará e Rio Grande do Norte, por exemplo, tal expressão tem o significado de jogar algo no lixo ou jogar fora porque não tem mais serventia; enquanto isso, na Bahia ou em Pernambuco, nas cidades maiores a mesma expressão tem o sentido de dançar, requebrar, enfim, voltada para um tipo de expressão corporal.

No decorrer do texto, também é possível encontrar várias expressões que são particulares dos usos orais e da cultura linguística oral: “na gente”, “mãe natureza”, “um por todos, todos por um”; em suma, o autor do texto se vale de muitos clichês, isto é, de expressões populares. Isso revela como seus usos linguísticos, mesmo na escrita de um artigo de opinião, gênero que exige mais proximidade com os aspectos formais da língua.

Além disso, algumas construções sintáticas descontínuas, questões de inadequação ortográfica, dentre outros aspectos que são próprios aos usos orais também estão presentes no texto. O uso do “mais” no lugar de “mas”, também é um exemplo de marca da oralidade nessa peça escrita. Portanto, trata-se de uma construção textual, na qual se percebe o exemplo de muitos aspectos dos usos sociais da língua. Eles estão presentes de maneira muito forte, às vezes até

deixando a desejar na construção do sentido do texto, justamente porque o produtor ainda não tem a consciência de que quando se trata da escrita, o seu interlocutor não está presente e o seu pensamento tem sempre que ser completado de forma mais cuidadosa.

Na amostra 7, também é possível perceber o princípio da transitividade no uso dos verbos “desmatar” e “plantar”. Observam-se este aspecto quando o aluno constrói as frases “... desmatar a terra” e “plantar de volta”. Ambas as formas ganham o sentido de verbos transitivos pelo complemento adotado pelo autor do texto. E embora sejam colocações empregadas na oralidade, elas são transferidas pelo aluno para o corpo do texto escrito. Assim, acabam abrangendo dos princípios, o da marcação e o da diferenciação no emprego da transitividade verbal.

Enfim, fica evidente que quando se passa a olhar mais profundamente para o ensino de produção de texto na escola, pode-se constatar que essa prática necessita de um embasamento teórico que não se prenda apenas em ditar regras da gramática normativa, mas que possa oferecer a oportunidade de professor e aluno refletirem mais sobre como trabalhar os usos formais, de como fazer a diferença entre produzir textos orais e textos escritos, de como considerar que há situações comunicativas nas quais a linguagem deve ser mais trabalhada.

Quanto ao sexto artigo produzido por alunos do 9º ano e selecionado para análise neste estudo, vê-se o seguinte em exposição na Amostra 8.

Amostra 8 – Artigo de Opinião 6.

PRESERVAÇÃO AMBIENTAL.

Toda pessoa devia se conscientizar, e pensar que o meio ambiente, é a nossa casa, e que devemos cuidar do nosso meio ambiente, pois se não cuidarmos do meio ambiente nós não teremos como viver.

Poucas pessoas tem a consciência ambiental, poucas se preocupam em cuidar do meio ambiente, e não se preocupam em como é importante a preservação do meio ambiente para todos nós.

Todos nós eram parados, fazer nossa parte, em vez de andar de carro ou de moto andarem de bicicleta, e comer alimentos orgânicos em vez de alimentos que não são saudáveis, evitar garrafas pet, usar roupas recicladas, bolsas, sandálias ter filho único, todos deveriam ter a consciência ambiental.

Salvar a terra, devia ser a nossa missão, aqui no mundo a partir de agora, já que não existe pessoas que querem matar o meio ambiente.

Fonte: Autoria de aluno após proposta de produção textual.

As repetições de termos e expressões no ato do acontecimento de uma situação comunicativa são fenômenos específicos da linguagem oral. E como bem expressam os princípios do funcionalismo, o primeiro a ser percebido se refere à linguagem como atividade sociocultural. Sendo assim, a presença de tal expressão presente o texto escrito, é pertinente compreender que se trata da transferência dos atos de fala para a escrita.

É o que ocorre com a maioria dos textos aqui analisados. Neste texto da Amostra 8, as construções sintáticas descontínuas muito presentes na linguagem oral é o aspecto discutido dentro dos pressupostos do funcionalismo mais evidentes nas diversas partes do texto. Pode-se perceber quando o aluno escreve “Poucas pessoas tem a consciência...”. Neste trecho, o verbo “ter” que normativamente deveria está conjugado no plural, é expresso no singular, mas, um detalhe precisa ser comentado. Se fosse para colocar tal questionamento em um teste para saber quem chegaria a perceber onde está a discordância, ou seja, como marcar o plural no referido trecho, provavelmente muitos que já estão em anos escolares mais elevados sentiriam dificuldades. Isto porque, apenas um acento circunflexo constrói a marcação do plural e o uso do “tem” sem acento é tão comum ao passo de os falantes não perceberem a diferença para a escrita.

E é desta forma que se aprofunda a necessidade de reflexão quando se observa aspectos funcionais como este. Outros exemplos de equívocos podem ser sinalizados, em especial no uso da pontuação, nas repetições de referentes como a palavra “meio ambiente”, mas tudo isso se faz pela proximidade que existe entre os usos da linguagem oral com os usos da língua escrita.

Os aspectos do funcionalismo quanto à proximidade entre usos orais e escritos, em especial no que se refere ao princípio da marcação na formação sintática das sentenças é o que está mais presente na maioria das produções aqui analisadas. No texto da Amostra 9, também se observa tal aspecto. Veja-se:

Amostra 9 – Artigo de Opinião 7.

onte:	Salve o Planeta
Autori	A muitas problemas ambientais, na sociedade
a de	e no mundo, planeta Terra muitas pessoas suja
aluno	o meio ambiente com Garrafas, papel etc.
após	Em vez das pessoas, preservar o planeta sujam
propo	o ambiente e lugar em que vive.
sta	Quando cuida e preserva a natureza, salva o
de	planeta Terra, salva o mundo de cada um fazer
produ	suas parte tornam-se um ambiente melhor a
ção	Sociedade como assim, também não só com
textu	limpeza, mas também com a Financiamento
al.	para de Ficar comprando Recupar de maracas,
	Recupar modernas com assim curso
	trize eleger-nos e várias outras.
	Também a população, não ter muitos
	Filhos por que se enche a população tem gente
	que tem 2 3 ou 4 filhos isto é errado o certo
	é ter 1 em vez de 2 de cabeça para população
	e para o pai, mãe

No artigo apresentado acima, percebe-se o aspecto da marcação desde o início do texto. Vê-se que o aluno usa o “A” como se fosse o verbo haver, mas essa atitude linguística se associa justamente a não diferenciação fonética que existe entre o “a” artigo e o “há” verbo. A certeza é que o produtor do texto ainda não tomou conhecimento dessa diferença morfológica entre um e outro termo no contexto do uso no texto.

Sendo assim, faz menção de usá-lo, o que quando se olha apenas como observação de adequação normativa, percebe-se a descontinuidade. Porém, visualizando-se dentro dos aspectos funcionalistas, torna-se uma atividade linguística possível, diante da identidade de sons que existe entre os dois termos.

Pode-se ainda perceber em outras partes do texto, algumas construções sintáticas que também estão ligadas ao fenômeno da marcação. Uma delas está na seguinte oração: “Muitas pessoas suja o meio ambiente...”; nota-se que a falta de concordância entre o verbo “sujar” e o referente da oração “muitas pessoas” indica o processo descontínuo da construção frasal, mas que se associa basicamente aos usos orais, nos quais tal construção é permissível.

Nesse caso, a falta de concordância é vista como uma ação linguística descontínua, na qual o estabelecimento da marcação do plural recomendado pela norma gramatical aplicável ao uso da norma padrão não é aplicado em

conformidade com esta, porém, o sentido da sentença é compreendido normalmente quando usado na oralidade e também na própria escrita.

Entender esse aspecto adotando uma concepção funcionalista implica não apenas ditar regras e impô-las ao produtor do texto como se a única forma de dizer seja a da norma padrão, mas levar o episódio à reflexão, de forma que em determinado momento o aluno que escreve assim possa apreender que há eventos orais que não se adequam a qualquer situação comunicativa, isto é, não são consideradas segundo a formalidade exigida para a construção de alguns gêneros, entre os quais o artigo de opinião.

Depois desse texto, mais um que é analisado segundo os aspectos do funcionalismo é o artigo de opinião que está sendo exposto na Amostra 10.

Amostra 10 – Artigo de Opinião 8.

Acho que nós devemos nos preocupar com as coisas que vão acontecendo no planeta Terra, especialmente a natureza ficando poluída com os materiais das pessoas ao meio ambiente jogando lixo, e restos de comida nos rios isso vai acumulando mais e mais a cada dia vai tornando mais ainda nosso planeta Terra.

No planeta Terra as pessoas estão jogando de lado a lado jogam mais lixo nos rios e mares a natureza cada vez fica mais suja a muitos preocupam no mundo por conta disso vemos que a população em nosso planeta e tem a garantia que todo melhorar pode mais algumas coisas ir produzidas.

Vendo tudo isso e que devemos ver que mais temos que agir a cada vez mais porque cada vez mais que o mundo esse tem mais poluição tem que acordar para fazer algumas coisas.

Fonte: Autoria de aluno após proposta de produção textual.

Nesse texto, prevalece a presença de vários aspectos que poderiam ser verificados como uso linguístico distante da norma formal da língua portuguesa. É visível que o produtor do artigo, apesar de cumprir o aspecto referente à funcionalidade de expressar opinião, que é própria do gênero em questão, não tem

ainda uma competência discursiva para a escrita que demonstra a capacidade de pelo menos utilizar os sinais de pontuação.

Numa visão mais tradicional, essa produção seria totalmente fadada a uma avaliação negativa. No entanto, ao olhar com o objetivo de explicar os casos de usos linguísticos encontrados, tanto no que se refere ao uso da pontuação para atribuir sentido como em algumas construções frasais descontínuas segundo o funcionalismo, as explicações caminham para a compreensão dos motivos que levam o aluno a apresentar uma redação com esse distanciamento da norma padrão ao professor.

O primeiro deles pode está associado justamente à ideia funcionalista de que a língua, em seu uso cotidiano não é arbitrária, isto é, não dita regras, serve para comunicar e estabelecer o entendimento ou desentendimento entre seus usuários. Portanto, para o falante, o que vai ser considerado é que o seu interlocutor esteja entendendo e que ambos se compreendam no ato da comunicação.

Pode-se observar que o texto, além da falta de pontuação, também se apresentam construções frasais nas quais a sintaxe é descontínua, pela falta de marcação do plural, o que deixa evidente a não concordância, ora verbal, ora nominal. Pode-se observar isso no seguinte trecho escrito no início do segundo parágrafo do texto: “No planeta terra as despreocupação das pessoas estão ficando de lados”.

Verificando o trecho segundo os aspectos do funcionalismo, vê-se uma construção na qual o a falta de marcação do plural indica a complexidade que ainda existe para o aluno em construir uma frase mais elaborada. Nesse momento, os seus usos orais permitem apenas esta construção. É visível que para ele, estabelecer relações de concordância nesse trecho se torna algo muito complexo, pela falta de conhecimento da norma adequada, como também de que o gênero artigo de opinião é um evento comunicativo no qual os usos linguísticos são mais formais.

Há ainda que se observar o emprego do vocábulo “despreocupação” que mesmo existindo arbitrariamente, não é um vocábulo de uso comum nas construções da língua. Vê-se nisto o fenômeno da motivação semântica aparecer para construir o sentido da informação dada pelo falante. O mesmo optou pelo uso de uma palavra

não muito usada, porém se baseou em material já existente que é a palavra “preocupação”, e estabeleceu o prefixo “des”.

No entanto, em termos de funcionalidade do texto, que é expressar uma opinião sobre um determinado tema, o produtor foi eficaz. Percebe-se que ele consegue desenvolver argumentos voltados para a tese de que o ser humano precisa fazer alguma coisa para adotar comportamentos que vislumbrem cuidar melhor do meio ambiente. Mesmo sem adequar-se à norma exigida para a escrita do artigo, fica evidente que há problemas ambientais muito graves em todo o planeta e que o ser humano precisa melhorar seu comportamento com relação a isso.

Nesse caso, os aspectos funcionalistas da linguagem poderiam fornecer alternativas mais suaves no sentido de trabalhar o melhoramento do uso linguístico, partindo de intervenções pedagógicas nas quais o aluno tenha a oportunidade de aprender que há formas mais adequadas para a escrita desse gênero. Mas, essas formas, jamais podem se isolar do contexto de necessidade apresentada no texto, é preciso considerar a oralidade do aluno e compreendê-la como sendo, talvez, a forma mais usada por ele ao se comunicar.

Para finalizar a análise, o último texto está sendo apresentado como Amostra 11.

Amostra 11 – Artigo de Opinião 9.

Um planeta terra melhor pra todos

Se todos se concentrarem em ter um planeta terra melhor preservando mais a natureza cuidando para que não tenha muita poluição e que se todos utilizarem coisas orgânicas seria bem melhor hoje em dia tudo é diferente.

Tem gente que não se preocupa com nada ambientalmente destruindo a natureza sendo que da pra fazer outras coisas ali mesmo nos países. Por que quando menos a gente espere acontece nos casos de fogo fica na mão e ninguém tá percebendo que toda vez a natureza tá se esbarrando com isso pode causar vários tipos de doenças mas se não prejudica o mundo como também a saúde dos países.

A maior poluição do mundo é o gás das casas produzindo muito prejudica muita coisa principalmente a respiração.

No Brasil é de fato a maior que prejudica mais respiração e a maior causa de doenças no mundo.

Fonte: Autoria de aluno após proposta de produção textual.

Assim como nos demais textos, a Amostra 11 também traz para o campo da análise funcionalista uma carga semântica, sintática, morfológica e fonética centrada na variação entre oralidade escrita. Não restam dúvidas de que a funcionalidade do gênero é cumprida pelo produtor. E é nisso que mais se evidenciam os princípios funcionalistas. Apesar de utilizar aspectos linguísticos específicos dos usos orais, sem mesmo atentar para construir o sentido utilizando os sinais de pontuação, a escritura do texto deixa evidente o cunho opinativo.

O aluno cumpre a função sociocultural da linguagem expressando sua opinião utilizando a variedade que ele costuma falar em seu cotidiano. E isto fica evidente em algumas frases e expressões do texto. Para conferir, verifique-se a expressão "... se todos cultivasse coisas orgânicas", registrada logo no primeiro parágrafo do texto.

Dois aspectos funcionalistas podem ser observados nesta única sentença:

O primeiro é a relação sintática, isto é, falta a marcação do plural para estabelecer a concordância entre nomes e verbos. Porém, se formos observar como sentenças parecidas com essa são faladas no cotidiano, não há muitas diferenças como o que escreveu o educando. Portanto, na oralidade, a língua tende a funcionar conforme o que está escrito.

O segundo se refere ao uso da palavra “coisas”, uma invenção semântica polissêmica ao extremo, porque esta expressão, quando se trata de uso oral tem se tornado exemplo do princípio iconização, em especial quando se trata da motivação semântica, quando no âmbito desta o falante é criativo, inventa palavras, símbolos e meios para tornar a comunicação mais fácil e para construir os sentidos do que quer falar, informar, transmitir.

No caso da palavra “coisa”, linguisticamente, na oralidade, tem assumido diversas funções morfológicas e ao mesmo tempo semânticas e sintáticas. Quando se analisa sintaticamente a oração “se todos cultivasse coisas orgânica” ela está incluída dentro do predicativo, ao mesmo tempo em que assume morfológicamente a função de locução adjetiva.

No entanto, é perceptível na realidade de usos linguísticos orais, outras funções e derivações dadas a esta palavra. Às vezes, “coisa” pode ser até uma pessoa, expressão dita “Aquele Coisa, o Coisa, a coisa”, momento em que assume a função de substantivo. A mesma palavra pode ser fonte de derivação do verbo “coisar”. É muito comum se observar construções frasais com o gerúndio “coisando” ou o particípio “coisado”.

Enfim, em se tratando de uma observação acerca dos aspectos funcionais, este último texto, não muito diferente dos demais, é carregado de expressões e marcas que simbolizam os usos linguísticos sociais. Semanticamente falando, o produtor se utiliza de material linguístico já existente e elabora suas próprias convenções, estas também usadas por outros falantes de sua comunidade, ele dá apenas continuidade ao emprego comunicativo.

É bem verdade que em muitos dos aspectos observados, existe a necessidade de intervenção pedagógica, por meio da qual o professor de língua materna possa trabalhar com os alunos esses aspectos, não para impor o uso de uma norma tida como a mais correta. Mas, para trabalhar a competência do aluno, a fim de instruir, orientar e desenvolver as habilidades que permitem ao usuário de uma língua perceber que existem diversas variações, tanto no âmbito da língua falada quanto da escrita. Além disso, que há diversas situações comunicativas, gêneros textuais orais e escritos que se diversificam nos usos linguísticos, do informal ao mais formal.

Os alunos necessitam entender essa pluralidade que existe quanto às funções que a língua assume quando o ser humano a usa para se comunicar, expor ideias, narrar fatos, expressar opiniões, descrever o mundo, seus objetos e as situações da vida. E é na escola que isso deve ser ensinado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 O QUE FOI POSSÍVEL DEPREENDER DO ESTUDO

Todo trabalho voltado para a vivência de sala de aula é deveras importante para que o pesquisador, na maioria das vezes, também professor, chegue a depreensões importantes sobre as práticas educativas na sua área e de forma especial sobre seu objeto de pesquisa.

E neste estudo, como se vivenciou a docência em língua portuguesa, antes de se denominar de pesquisa, os momentos vividos a fim de solucionar a problemática e o tema contemplados permitiram depreender alguns fenômenos que não podem deixar de ser registrados enquanto fenômenos importantes para a aprendizagem discente e docente.

Desde os primeiros momentos, no ato da seleção e leitura do material bibliográfico, incluindo a seleção da turma e planejamento da intervenção, já foi possível construir apreensões que certamente ficarão na memória para o resto da vida e que certamente serão utilizadas como base para inovações práticas no presente e no futuro. As leituras sobre funcionalismo linguístico fizeram com que se mergulhasse em um mundo surpreendente de conceitos sobre os usos reais da linguagem, até que o pensamento fosse retomado a muitos contextos de ensino-aprendizagem de língua materna: o de aluno nos anos iniciais, o de estudante secundário e até mesmo de universitário.

Impossível não se lembrar do ensino da norma pela norma, do ensino de regras, das leituras que somente trabalhavam a decodificação e nunca mostravam as palavras do texto como fatos de um mundo social, cultural, político. Era tudo isolado dos fatos que se viviam na realidade. Aquele assunto no qual estava aprofundando o conhecimento era tão antagônico a tudo isso, a todo esse mecanicismo de aprender a falar e escrever correto, como manda as regras, quando de repente se lia nos poemas de Patativa toda aquela irreverência ao ensinado na escola.

Os momentos foram de lembranças, as quais permitiram a comparação entre o ensino de língua materna fundamentado na linguística tradicional e uma possível

prática de ensino distinta de tudo isso, voltada para as bases teóricas que instituem a abordagem funcionalista. Estava-se ali, tentando entender cada princípio do funcionalismo; e isso foi o bastante para chegar ao ponto de entender que existe sim uma língua dentro de um contexto de uso das linguagens, que se manifesta de forma polissêmica, plural, diversificada e que para ela a norma, por si só não funciona e nem faz funcionar o mundo.

Sim, porque nessa mistura de variantes linguísticas se dá a interação, que se trocam as emoções e sentimentos, que se vivem os momentos mais felizes ou mais tristes, mas que realmente podem ser inseridos no contexto da vida, porque comunicar-se é viver essa troca de ideias e de vida.

Aliadas as essas aprendizagens, ao aceitar que usar essa língua pluralizada e transversal permite viver, também foi possível apreender que os alunos não podem ficar à margem desse conhecimento. Assim, foi preciso investir em uma intervenção que permitisse ver como eles vivem a sua língua e também ensiná-los que é preciso ser plural também quando se fala em conhecimento linguístico.

Ao tomar posse da ideia de trabalhar com a escrita do gênero artigo de opinião no 9º ano do ensino fundamental, já era sabido que se revelariam aspectos tomados como problemas referentes às competências linguísticas dos alunos. E estas eram compreendidas não somente como dificuldades, na maioria das vezes foram vistas como “erros”, como distanciamento da “norma” pela norma, de tudo aquilo que a linguística tradicional dita.

O primeiro pensamento era que os alunos jamais conseguiriam expressar suas opiniões como está instruído para o gênero que iria está na proposta. Depois da intervenção realizada, esse anseio de não dá certo foi pairando na observação de que aquela proposta de produção me ensinara muito. Todos os momentos vividos permitiram entender, na prática, o significado do funcionalismo.

As produções escritas demonstraram não somente as dificuldades que os alunos vivenciam quando se veem diante de uma proposta de redação. Foi possível depreender que eles escrevem o que eles sabem usar da língua, ou seja, eles escrevem a língua que funciona em suas vidas, aquela com a qual sobrevivem às diversas outras dificuldades que surgem no cotidiano de suas relações sociais, culturais, políticas, econômicas.

Não foi difícil pressentir que a língua colocada ali naquele papel é a língua breve da qual fala o poeta Carlos Drummond em sua tão bela peça poética *Aula de Português*. A cada texto analisado ia percebendo as frases entrecortadas pelo costume da oralidade, as expressões que fazem parte de uma cultura de fala e não de escrita; e que por isso passa a ser tão compreendida como “erradamente”, quando deveria ser vista como diferente dos usos que a norma dita para cada situação comunicativa.

Essa compreensão foi essencial para chegar ao cume do objeto de estudo, o texto do aluno, o qual virou ponto de partida para chegar a uma compreensão mais nítida acerca do que deve ser feito para que eles – os alunos – comecem a acompanhar essa pluralidade linguística da qual todo usuário de uma língua necessita para poder viver melhor suas interações, sua comunicação e sua própria vida.

5.2 A RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE PESQUISA E AS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Com a proposta de intervenção que trabalhou a produção escrita de um artigo de opinião, ao mesmo tempo em que forneceu o *corpus* de análise deste estudo, teve-se a intenção de não somente perceber os “erros” dos alunos para depois trabalhá-los instruindo-os a seguir modelos lógicos e idealizados como instrumentos formais acabados.

Diante das questões de pesquisa, elencadas no capítulo introdutório, a intenção da proposta se voltou também para a obtenção de respostas acerca do que os alunos precisam aprender, para poder se tornar mais proficientes na escrita do gênero artigo de opinião.

Seguindo os procedimentos do estudo compreendeu-se que as dificuldades de uso das normas de escrita do artigo de opinião, apresentadas pelos alunos estão ligadas justamente à ausência da prática de leitura e escrita em geral. Essa descoberta foi possível pelo fato de se perceber que a maioria deles conseguiu produzir realmente um texto de opinião, ou seja, discutiu sobre o problema da falta

de preservação ambiental apresentando teses, argumentos, enfim, seguindo toda a macroestrutura da sequência argumentativa, predominante no gênero.

No que se refere às dificuldades, as reflexões possíveis é que estas se associam justamente aos aspectos de consistência textual, problema que a leitura sobre o tema poderia servir como base para ampliação de vocabulário, conhecimento textual, linguístico e enciclopédico que enriquecem a discussão; o segundo ponto diz respeito aos aspectos funcionais analisados nas produções. Esta análise revelou que os alunos apresentam demasiadamente em seus textos escritos muitos fenômenos que podem ser explicados à luz da abordagem funcionalista.

Em outras palavras, a linguagem usada pelos alunos em suas produções escritas é a mesma que ele usa em seu dia-a-dia, na comunicação informal, no contexto de uso da linguagem puramente dotada da “socioculturalidade” que lhe é definida pelo princípio funcionalista. Nesta concepção, os usos que os alunos demonstram não simplesmente “erros” ou mesmo dificuldades, mas a sua atividade linguística, da forma como a vivem.

Foi possível perceber o princípio da iconicidade, usado pelos discentes para criar, por meio dos fenômenos da motivação semântica e da motivação fonética, a invenção de palavras novas e de sons que derivam de material linguístico já existente. Um dos usos comuns percebidos em um dos textos e que é exemplo de emprego social foi o da palavra “coisa”, que muda morfologicamente e sintaticamente em diversos momentos do texto.

Também se constatou o princípio da marcação linguística, na qual, os usos da oralidade são amplamente percebidos. Os usuários transferem os termos empregados na fala para a escrita, e mesmo sendo considerados “erros” porque são diferentes da norma padrão, na maioria das colocações feitas no texto não prejudicam o sentido construído. Os fenômenos que se constituem prejudiciais a isto se associam muito mais à tomada de consciência fonética, fonológica ou de uso dos sinais de pontuação e acentuação.

O fenômeno da descontinuidade do plural, em especial para estabelecer concordâncias entre nomes-verbos ou vice versa, também foi encontrado nos textos dos alunos e se inserem também no contexto do princípio da marcação, pelo qual ocorre a gramaticalização conforme o emprego dos termos linguísticos nos usos reais da língua.

Nisso se inclui também o aspecto referente à transitividade verbal. Assim como prevê o funcionalismo, algumas das colocações verbais dos alunos produtores dos textos analisados são exemplos de que a característica arbitrária da linguística tradicional não prevalece no emprego da gramática emergente. Em muitas situações comunicativas, um dado verbo definido como transitivo ou intransitivo pode ser empregado distintamente de sua definição no âmbito da norma, sendo possível perceber outras normas de uso social.

Nos textos analisados constatou-se essa possibilidade emergente no emprego do verbo “jogar”, “desmatar”, “plantar” como transitivos, que se fossem visualizados pelo âmbito da linguística tradicional, tais palavras seriam classificadas como verbos intransitivos.

Certamente outros princípios poderiam ser percebidos e analisados, mas o resumo da manifestação destes é suficiente para compreender-se conclusivamente o que ocorre com a produção textual e a constituição linguística de um dado texto, mesmo que seu gênero tenha exigências linguísticas convencionais mais aproximadas dos usos formais, os usos reais e a marca da produção oral vai sempre aparecer, dando abertura para o entendimento de que há aspectos funcionais que sempre prevalecem no texto.

No entanto, esta percepção proporciona o entendimento de que existem aspectos discursivos-funcionais que podem ser trabalhados para que os alunos se tornem proficientes na produção escrita, não somente do gênero artigo de opinião, mas para qualquer modelo de texto.

Hipoteticamente se pressente a necessidade de trabalhar as marcações descontínuas de concordância do verbo em relação ao nome ou vice-versa, as quais são muito presente nos textos. Em todas as produções encontraram-se problemas de construção da relação sintática de concordância entre nome/verbo e outros elementos que formam as sentenças lógicas do texto. No entanto, não os entendemos como dificuldades linguísticas dos alunos, mas como marcas da oralidade no texto escrito.

Nesse ponto, percebe-se que a pesquisa permitiu um diagnóstico mais preciso dos aspectos funcionais da oralidade que os alunos utilizam na escrita, porém, por desconhecerem que existem diferenças pontuais entre as manifestações faladas e as escritas.

Dessa forma, sob o prisma do funcionalismo, também se pode abordar a questão em sala de aula, planejando formas de intervenção que contemplem o ensino da pluralidade linguística, levando aos alunos o conhecimento da diversidade e da funcionalidade que também persiste diante do gênero textual que se quer ou se propõe escrever.

Ao conceber considerar as possibilidades de se trabalhar a produção textual sob o paradigma do funcionalismo, perspectivas distintas são almejadas nesse sentido. Agora, não mais se pode trazer à lembrança e utilizá-la na prática aquela visão tradicional que veio à tona no momento das leituras sobre a teoria que deu base a este trabalho.

Com o diagnóstico dos aspectos funcionais que foi estabelecido neste estudo em mãos, o trabalho que se segue não pode deixar de considerar o que foi achado. Deve-se partir para uma prática de ensino de produção textual que cada vez mais atente para a proficiência de uso da pluralidade das normas. É preciso fazer com que os alunos entendam que não existe apenas uma norma adequada para a escrita de todos os textos, mas que existem diversas normas e que muitas das regras linguísticas usadas por eles podem ser aproveitadas em suas produções, dependendo do gênero textual a ser escrito.

Nesse sentido, o intento agora vislumbra caminhar distintamente, buscando caminhos no funcionalismo, nos quais os textos dos alunos podem ser sempre a base essencial de análise para planejar orientações e sequências didáticas que contemplem o ensino da proficiência na escrita.

É também importante ressaltar que o diagnóstico realizado com o artigo de opinião poderá se estender a outros gêneros, em outras intervenções. A diversidade não é uma característica apenas do uso da língua, mas também dos próprios gêneros textuais, os quais são ilimitados. Esse caráter também deve ser fundamento para se trabalhar a escritura do texto. Para cada um destes não somente um nome de gênero diferente, mas uma macroestrutura própria a ser seguida, uma linguagem que parte do mais informal para o mais formal e uma gramática de uso dentro da funcionalidade da situação comunicativa.

E por fim, quando se olha para a adoção do funcionalismo como proposta de fundamentação para a prática de produção de texto na sala de aula de língua materna, percebe-se a abertura de um leque de possibilidades de pesquisa, uma

vez que cada gênero proposto pode gerar a necessidade de um diagnóstico e de uma possível análise dos aspectos funcionais que são adotados pelos alunos.

REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Revisão técnica João Gomes da Silva Neto. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBANI, F. V. L. **Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no contemporâneo**. Dissertação de Mestrado em Linguística na UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

ANDRADE, F. A. A. **Conectores sequenciadores em artigo de opinião escrito por vestibulandos**: uma questão de marcação linguística com implicações para o ensino. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Natal, 2011.

ANTUNES, I. **Língua texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Série Estratégias de Ensino).

AQUINO, J. L. **O ensino de gramática numa perspectiva funcionalista**: o caso da concordância verbal. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Pau dos Ferros, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2000.

_____. **Dialogismo e construção do sentido** / organização: Beth Brait – 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Ângela Paiva Dionísio; Judith ChamblissHoffnagel (orgs.); tradução e adaptação de Judith ChamblissHoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio/Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (Terceiro e Quarto Ciclos)**. Brasília/ DF: MEC/ SEF, 1997.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CARVALHO, R. G. As contribuições da linguística funcionalista no ensino de língua portuguesa. **Diversa**, Ano I, nº 2, pp. 85-99, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/parnaiba/arquivos/files/rded2ano1_artigo05_Raimunda_Carvalho.PDF> Acesso em 30 de julho de 2016.

CHRISTIE, F. **Genre theory and ESL teaching: a systemic functional perspective**. *TESOL Quartely*, v. 33, n. 4, p. 759-763, 1999.

COE, R. M. The new rhetoric of genre: writing political briefs. In: JOHNS, Ann. M. (Ed.). **Genre in the classroom: multiple perspectives**, 2002. p. 197-210.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Situando o funcionalismo. In: CUNHA, M.A.F. & SOUZA, M. Transitividade e seus contextos de uso. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 17-26.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. & colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

_____.; PASQUIER, G.; BRONCKART, J. P. A aquisição do discurso: emergência de uma competência ou aprendizagem de capacidades linguageiras diversas. Estudos de Lingüística Aplicada, n. 89, 1993.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. OLIVEIRA, M. R. O. e MARTELOTTA, M. E. Rumos da Linguística Funcional. In: _____. **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. COSTA, M. A. e CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: _____. OLIVEIRA, M. R. e MARTELOTTA, M. R. (Orgs) **Linguística funcional: teoria e pratica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: ADUFRN, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

INFANTE, U. **Do texto ao texto**: curso prático de leitura e redação. São Paulo: Scipione, 1998.

JOHNS, Ann M. *et al.* Crossing the boundaries of genre studies: commentaries by experts. *Journal of Second Language Writing*, n. 1, p. 234-249, 2006.

LAKATOS, E. M. MARCONI M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: 2ª Edição. Atlas, 2003.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

McLAREN, P. L. **Culture or Canon? Critical Pedagogy and the Political of Literacy**. *Harvard Educational Review*, v. 58, n. 2, p. 213-234, 1988.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. UFPE, Recife (mimeografado) 2000.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. e AREAS E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M, A. F.; OLIVEIRA, M. R. O. e MARTELOTTA, M. E **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. A mudança linguística. In.: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, E. (orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013 (p. 43-70).

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, F. C. **A produção de significados no gênero tira em quadrinhos: um estudo da multifuncionalidade dos usos discursivos do e numa perspectiva funcionalista**. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Pau dos Ferros, 2012.

OLIVEIRA, A. M. A transitividade: da visão tradicional ao funcionalismo. PERcursos Linguísticos. Vitória (ES), v. 2, n. 1 p. 25-34, 2011. <<http://publicacoes.ufes.br/percursos/article/download/1700/1289>>. Acesso em 25 de setembro de 2016.

OLIVEIRA, M. R. & CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, v.10,n.1,p.87-108,jan./jun.2007. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/156/123>>. Acesso em 20 de setembro de 2016.

PAVEAU, M. A; SARFATI, G. E. **As Grandes Teorias da Linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

ROTHERY, Joan. **Making changes**: developing an educational linguistics. In: HASAN, Ruqayia; WILLIAMS, Geoff (Ed.) *Literacy in Society*. London: Longman, 1996. p. 86 123.

SOUZA, R. F. L. **A análise linguística no livro didático de língua portuguesa do 9º ano: uma investigação funcionalista**. Dissertação (Programa de Pós-graduação

em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Pau dos Ferros, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: BASTOS, Neusa Maria O. B. (org). **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: EDUC/PUC-SP, 2002.

VIDAL, R. M. B. **As construções com adverbiais – em mente: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, 2009.

APÊNDICE



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
 Campus de Pau dos Ferros
 Departamento de Letras Vernáculas - DLV
 Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS
 Unidade Pau dos Ferros
 Br-405, Km 153, Bairro Arizona, CEP 59900-000, Pau dos Ferros/RN
 Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail profletras.pferros@gmail.com/ Site propeg.uern.br/profletras



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos seu filho(a) a participar da Pesquisa *Aspectos funcionais na construção do artigo de opinião: experiência no ensino fundamental (9º ano)*, sob a responsabilidade do pesquisador *Manoel Jairo Furtado Passos*, o qual pretende estudar os resultados da aplicação de uma proposta de sequência didática para identificar os aspectos do funcionalismo nos textos escritos pelos aluno de 9º ano da Escola de Ensino Infantil e Fundamental Colégio Raimundo Mesquita, no município de Reriutaba/ CE.

A participação do seu filho(a) é voluntária e se dará por meio de encontros em sala de aula, em grupos e individuais, caso haja necessidade. Inicialmente explicaremos os fins e meios da pesquisa ao referidos participantes, em seguida, teremos encontros em grupo com eles, com o objetivo de aplicar a sequência didática, momentos de observação na sala de aula e discussões com os referidos alunos.

Não haverá riscos decorrentes de participação por parte de nenhum sujeito inserido na pesquisa, uma vez que os recursos materiais utilizados para a pesquisa serão os de uso diário dos alunos. Mesmo depois de consentir a participação de seu filho(a) Vossa Senhoria poderá desistir de continuar participando, tendo o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a nenhum dos sujeitos. A Vossa Senhoria não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, a identidade será divulgada através de fotos que irão expor situações em grupo e individual do seu filho(a), bem como as produções de suas referidas respostas as atividades aplicadas em sala de aula. Para qualquer outra informação a Vossa Senhoria poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Rua Maria Furtado de Melo, 29, Bairro Rampa, Reriutaba-CE, pelo celular (88) 997908053 e, ou poderá entrar em contato com o PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – UERN/CAMEAM (84) 3351 2560.

Consentimento Pós-Infomação:

Nós, pais dos alunos do 9º ano da E.E.I.F Colégio Raimundo Mesquita, fomos informados(as) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da colaboração de meu filho(a) e entendemos a explicação. Por isso, eu concordo que meu filho(a) participe do projeto, sabendo que não vamos ganhar nada e que ele(a) poderá sair quando quiser.

Data: ___ / ___ / ___

Manoel Jairo Furtado Passos
 Pesquisador responsável

Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal
 Orientadora